



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Artur Azevedo

Viagem ao Parnaso



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Viagem ao Parnaso

Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1890.

Livro Digital nº 512 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo

(1855 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

VIAGEM AO PARNASO



Revista fluminense em três atos e dez quadros, representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Teatro Apolo, em 10 de março de 1891.

PERSONAGENS:

LAURA

CUPIDO

A IMPRENSA FLUMINENSE

A ARTE DRAMÁTICA NACIONAL

O VARIEDADES

UMA SOGRA

UMA SENHORA INCONSOLÁVEL

UMA ATRIZ ESPANHOLA

UMA SENHORA ARGENTINA

UM NOVO

UM APOSENTADO

A FÊNIX DRAMÁTICA

TÁLIA

UMA MULHER POLÍTICA

UMA ATRIZ

UMA NOIVA

OUTRA SENHORA INCONSOLÁVEL

EUTERPE

OUTRA MULHER POLÍTICA

OUTRA ATRIZ

UMA IRMÃ DE CARIDADE

POLÍMNIA

OUTRA MULHER POLÍTICA

APOLO

ALBERTO

UM POETA

O LUCINDA

O HOMEM DOS ÓCULOS

JOSÉ
UM TRANSEUNTE
O SUTIL
UM JOGADOR
MELO
UM HOMEM BARBADO
UM ATOR
UM PINTOR
UM OPERÁRIO
OUTRO POETA
O PRIMO
O TEATRO LÍRICO
UM MEMBRO DO PARTIDO CATÓLICO
O CHEFE DO BATALHÃO PATRIÓTICO
O INTENDENTE DE POLÍCIA
OUTRO POETA
O TESOUREIRO DA SOCIEDADE DOS HOMENS DE LETRAS
UM CARROCEIRO
OUTRO POETA
O SANTANA
OUTRO HOMEM BARBADO
UM SOLDADO DO BATALHÃO PATRIÓTICO
OUTRO POETA
OUTRO APOSENTADO
O RECREIO
UM OPERÁRIO
UM SUJEITO
OUTRO SOLDADO DO BATALHÃO PATRIÓTICO
O POLITEAMA
O SEIXAS
OUTRO SOLDADO DO BATALHÃO PATRIÓTICO
O SÃO PEDRO
UM HOMEM (que vem ao leilão de São Cristóvão)
Amores, musas, poetas, aposentados, mulheres políticas, atores,
pessoas do povo, operários, argentinos novos, soldados do Batalhão
Patriótico, etc.

ATO I

QUADRO I

Sala preparada ao gosto moderno em casa de Melo. Preparos para escrever. Na parede, sobre uma peanha a estátua de Vênus de Milo. É de manhã cedo.

CENA I

Laura, depois Gilberto.

DUETO

LAURA (*entrando*)

Na extrema do horizonte
A aurora despontou:
Vou ver o meu Gilberto,
Beijar-lhes os lábios vou!

A VOZ DO GILBERTO

Nos paramos risonhos
A purpurina aurora
Doura
A pudibunda flor...
Aos olhos meus te guardas!
Tardas,
Oh! meu querido amor!

LAURA

É ele! É ele!...
O coração me impele...
E fala-me a razão;
Mas a razão sucumbe e vence o coração.

(Vai abrir uma janela e acena para a rua. O palco ilumina-se; Gilberto, embuçado num capote, entra pela janela)

LAURA

Oh! meu Gilberto!

GILBERTO

Oh! minha doce amada!

Oh! que hora afortunada!

Vivamos ambos

Sempre juntinhos,

Quais dois pombinhos,

Meigos e sós!

E, a não gozarmos

Tão bela sorte,

Antes a morte

Nos leve a nós!

GILBERTO

Eu quero um beijo,

Um beijo só!

Do meu desejo,

Meu bem, tem dó.

LAURA

Não tens um beijo,

Nem mesmo um só,

Do teu desejo

Não tenho dó.

Quando eu for sua mulher,

Dar-lhos-ei quantos quiser...

GILBERTO

Tenho ou não tenho?

Dá ou não dá?

LAURA

Fazes empenho?

Pois toma-o lá! (*Beijam-se*)

JUNTOS

GILBERTO

Deste-me um beijo!

Deste-me um só!

Do meu desejo

Tiveste dó!

LAURA

Que tem um beijo,

Quando é um só?

Do teu desejo

Eu tive dó!

GILBERTO

Podemos conversar sem receio? Teu pai, o Senhor Melo ainda dorme?

LAURA

Papai, a estas horas, já deve estar inteiramente entregue à Musa. Não há nada que o arranque a esse prazer.

GILBERTO

Ah! Laura! Laura! como sou feliz quando a teu lado me deslumbra a luz de teus olhos e me embriaga o perfume de teus cabelos!

LAURA

Deixa-te de lirismos, e vamos ao que serve. Se te concedi mais esta entrevista, foi porque tinha um pedido a fazer-te. É preciso acabar com estes encontros.

GILBERTO

Isto é! Tu expões-te à maldição paterna, e eu a uma carga de pau, o que é pior! Não facilitemos!

LAURA

É muito fácil dizer "Não facilitemos". Mas quem pode sopitar os arroubos de um coração de dezessete anos?

GILBERTO

Quem pode resistir a uma janela de um metro e cinquenta centímetros de altura?

LAURA

Há um único meio de acabarmos com isso: o casamento.

GILBERTO

Do casamento tenho-te eu falado um milhão de vezes, e se até hoje ainda não pedi a tua mão, não te deves queixar senão de ti mesma. A culpa tem sido tua.

LAURA

É verdade que te tenho aconselhado que o não faças; hoje, porém, penso ao contrário.

GILBERTO

O contrário? Ainda bem! Mas que motivos eram esses que te levavam a aconselhar-me a que te não pedisse?

LAURA

Pois nunca tos disse?

GILBERTO

Nunca.

LAURA

Papai tem a mania de fazer versos, sem que, para isso, houvesse sido fadado pela natureza... — Não fala noutra coisa: é poesia para cá, poesia para acolá! Tem até um criado que faz versos, e mesmo os improvisa!

GILBERTO

O Albino?

LAURA

O Albino. Não sabes que é obrigado a não falar senão em verso?

GILBERTO

Deveras?

LAURA

Foi essa uma das condições da sua admissão nesta casa.

GILBERTO

Por isso é que o outro dia, estando teu pai sentado a tomar fresco no Passeio Público, o Albino aproximou-se dele, e disse-lhe:

"Meu amo, está posta a mesa
Vá para casa jantar;
A menina com certeza
Não pode mais esperar."

LAURA

Vê tu que desaforo! O metro e a rima obrigam-no a pregar mentira:

"A menina com certeza
Não pode mais esperar!"

Não imaginas que comédia! Papai, quando quer fazer versos, bate na testa, olha para o teto, conta sílabas nos dedos, faz trinta mil caretas, e não consegue nada. Afinal chama pelo Albino e...

GILBERTO

É original!

LAURA

Mas vamos ao que importa. Acho que papai não será capaz de dar-me em casamento a um homem que não seja poeta. Todos os dias ele me diz: "Minha filha a prosa é terrena e vil, a poesia é celeste e nobre!" Não te engraces de algum marreco que não conheça as nove filhas de Apolo!

GILBERTO (*resolutamente*)

Ora! hoje mesmo venho pedir-te em casamento. Teu pai, provavelmente, pergunta se sou poeta. Nada mais simples: dir-lhe-ei que sim.

LAURA

E depois?

GILBERTO

Depois, não me custará ter também, como ele, o meu *alter-ego*. Depois que estivermos casados, dir-lhe-ei a verdade, e ele nada poderá fazer.

LAURA

Bravo! És um rapaz decidido.

GILBERTO

Virei hoje mesmo.

LAURA

Não te acanhes. Apresenta-te com todo desembaraço!

GILBERTO

Tranquiliza-te!

(Ouve-se Melo tossir)

LAURA

Aí vem papai. Foge!

GILBERTO

Ora! no melhor da festa! *(Beija-a e salta pela janela. Melo entra a ler um papel)*

LAURA *(consigo, enquanto Melo desce ao proscênio)*

Ora! O Gilberto podia ter ficado. Papai, quando está com a Musa, não dá pela presença de ninguém.

CENA II

Laura e Melo.

MELO *(a ler)*

Em seu carro dourado o dino Febo
Vem dando ao horizonte rubra cor...

(Pensa e repete pausadamente)
Vem dando ao horizonte rubra...

LAURA
Como passou a noite, papai?

MELO *(sem lhe dar ouvido)*
Vem dando ao horizonte rubra cor...

LAURA *(à parte)*
É sempre assim! *(Alto)* Papai, como passou a noite?

MELO *(sem desviar os olhos do papel)*
Adeus.
Em seu carro dourado o dino Febo.
(Sem olhar para Laura)
Ó menina?

LAURA
Papai?

MELO
Dás-me uma rima para Febo?

LAURA
Cego.

MELO
Cega estás tu, minha tonta. *(Lê)*
Em seu carro dourado o dino Febo
Vem dando ao horizonte rubra cor... *(Declamando)*
Não fica bom. Este *dino Febo* é o diabo. *(Pensando)* Em seu carro
dourado o Febo dino... *Febo dino* ainda é pior que *dino Febo*. Parece
que se trata de alguém que se chama Febodino.
Em seu carro dourado Febodino... Já não sei a quantas ando.
(Chamando) Ó Albino. *(Limpa o suor e continua)*
Em seu dourado carro Febo... Febo...

COPLA

Oh! que inferno! Fico tonto!
Tenho as fontes a estalar!
Pois já pronto ou quase pronto
Isto aqui devia estar!
Virgem Santa! perco o juízo!
Doido a musa me há de pôr!
Nunca faço um improviso
Sem três dias de labor!

(Entra Albino)

CENA III

Melo, Laura e Albino.

MELO

Ah! vem cá, meu rapaz, tira-me deste embaraço. Quero dizer em verso a coisa mais natural deste mundo... quando é em prosa. Amanhã faz anos o Comendador Lopes, que é meu compadre. É meu costume felicitá-lo todos os anos com um improviso, e hoje, mais do que nos outros anos, vem a propósito a versalhada, porque ele está na diretoria de três bancos e de seis companhias, é tesoureiro de uma loteria, e já anda de carro próprio. O Comendador faz quarenta anos amanhã. Principiei assim:

Em seu carro dourado o dino Febo
Vem dando ao horizonte rubra cor...

(Albino toma o papel com ares de importância, escreve com um lápis, e depois lê o que escreveu, tendo escarrado e batido na testa)

ALBINO

No carro seu dourado a roxa Aurora...

MELO *(satisfeito)*

Sim, senhor. Não me lembrei da aurora!

ALBINO

Vem dando aos horizontes rubra cor...

MELO

Esse *rubra cor* não está duro, Albino?

ALBINO

Duro não, senhor meu amo;

É mesmo frase elegante;

Se *rubra* em vogal termina,

Cor começa em consoante.

MELO (*a Laura, que se tem conservado afastada*)

Que cabeça!...

ALBINO (*lendo*)

No carro seu dourado, a roxa aurora

Vem dando aos horizontes rubra cor;

Em dia tão gentil se comemora

O aniversário do Comendador!

MELO

Dá-me um abraço, vate!...

ALBINO (*modestamente*)

Uma honra assim tamanha

Eu não mereço decerto,

Mas, enfim, como o deseja,

Nos braços meus o aperto. (*Abraça-o*)

MELO (*tomando o papel*)

Agora vou para a quietude do meu gabinete improvisar as outras estrofes. Em eu precisando de ti...

ALBINO

É só gritar por meu nome;

Lá irei ter às carreiras,

A auxiliar esse estro...

(Procurando o último verso)

A auxiliar-vos o estro...

MELO *(fechando a cara)*

A rima, rima, ou levas multa!

ALBINO *(vivamente)*

Com meia dúzia de asneiras.

MELO *(satisfeito)*

Ahn... *(Saindo a ler)*

No carro seu dourado a roxa Aurora, etc.

(Perde-se a voz no bastidor)

CENA IV

Laura, Albino.

LAURA

Forte mania!

ALBINO

Que quer a menina? Aquilo anda-lhe na massa do sangue! Nunca me hei de esquecer daquele dia em que li no *Jornal do Comércio* um anúncio concebido nos seguintes termos: "Precisa-se de um criado poeta, que faça e improvise versos. Quem se achar nas condições dirija-se à rua tal, número tantos. Paga-se bem, agradando." A menina quer saber quem eu era? *(Ao repente da orquestra)* Faz o favor de tocar em surdina a música do "Era no outono quando a imagem tua."? Aquela? Trá lá lá rá lá rá. *(Recita ao som da música)*

Eu era um pobre trovador de esquina;

Sempre mofina a minha vida foi;

Desenvolvia inteligência e arte
Pra minha parte conquistar do boi.

Passava as belas noites ao relento,
A chuva e ao vento, e era meu leito o chão,
Eu nisso achava singular delícia
Quando a polícia não me punha a mão.

Mas não vi nunca no xadrez infame
Negro vexame, ríspido labéu;
Olhava o povo a passear na rua,
E olhava a lua a passear no céu.

Ai! quantas vezes célicas venturas
Lá nas escuras estações gozei!
Mesmo entre ferros negros e medonhos,
Sonhava sonhos que não sonha um rei!

Nisto, menina, de seu pai o anúncio
Foi o prenúncio de um viver melhor!
Abençoadas estas quatro linhas!
Emprego tinhas, vagabundo mor!

Vim para casa de seu pai, menina;
Fome canina não padeço, já...
Levo de perna alçada o dia inteiro;
Ganho dinheiro e não me canso, aí está!

(Declamando)

Todas essas regalias sob condição de falar só em verso, quando estiver na presença dele, já se sabe. Nas respostas, devo empregar redondilhas em quadras, rimando a segunda com a quarta. Nos recados, quadras também, rimando o primeiro verso com o quarto. Todas as vezes que me faltar a rima, pagarei uma multa, que será descontada no fim do mês, salvo o caso do verso solto em hendecassílabos, admissível nas longas narrações.

LAURA

Não sabia desse regulamento.

ALBINO

Aceitei contente o meu difícil papel, e desde então...

A VOZ DE MELO

Ó Albino!

ALBINO

Lá está ele a chamar-me!

A VOZ

Albino!

ALBINO

Lá vai quadra. (*Gritando*)

Aí vou, senhor meu amo,

Eu não me faço esperar...

(*Sai a correr. Não se ouve o resto*)

CENA V

Laura (só).

LAURA (*vai à janela e volta tristemente ao proscênio*)

Se papai se lembra de pôr à prova a veia poética do meu Gilberto, aqui, antes de lhe conceder a minha mão e sem que ele tenha tido tempo de se preparar, está tudo perdido! Oh! Gilberto, Gilberto do meu coração, por que não és tu poeta? Por que não te aqueceu no berço o bafejo ardente das Musas? Ingratas Musas! O meu Gilberto, contudo, faz poemas... Fá-los no coração... mas não os escreve: sente-os.

ROMANCE

I

Infelizmente o meu amor
Versos fazer não sabe...
Meu belo sonho encantador
Receio que desabe!
Mas diga o velho o que disser,
Dele serei somente;
Meu coração deseja e quer
Ser dele eternamente.
Ó Deus, que estais no céu, de mim tem dó!
Vê que o meu coração é dele só.

II

Viver não quero um instante assim,
Longe do meu Gilberto!
Eu a seu lado, é para mim
O mundo um céu aberto.
Se ele comigo não casar,
Eu perderei a vida,
E a imprensa toda há de falar
De mais uma suicida!
Ó Deus, que estais no céu, de mim tem dó!
Vê que o meu coração é dele só!

CENA VI

Laura, Albino.

ALBINO (*falando para dentro*)
Não me deu nenhum trabalho
Pedido tão pequenino;
Em precisando outra estrofe
É só chamar pelo Albino.
(*Ouve-se tocar uma campainha*)
Tocaram. Quem será tão cedo? (*Vai espreitar*)

LAURA

Dar-se-á o caso que seja ele? (*A Albino*) Quem é?

ALBINO
Um moço.

LAURA
De cabelos pretos?

ALBINO
Sim, senhora.

LAURA
Estatura regular?

ALBINO
Sim, senhora.

LAURA
Bonito?

ALBINO
Sim, senhora.

LAURA
É ele!

ALBINO (*descendo*)
Sim, com certeza não é ela.

LAURA
Sabes quem é?

ALBINO
Sei; é ele.

LAURA
Ele quem?

ALBINO

Não sei.

LAURA

Sei eu.

ALBINO

Quem é ele?

LAURA

Mais tarde saberás. (*Vai ver também e volta muito contente*) É ele! é ele! trá lá rá lá rá!... Fá-lo entrar: vem procurar papai. (*Sai a correr*)

CENA VII

Albino, depois Gilberto.

ALBINO

É ele, não é ela, quem é, não sei, sei eu, é ele! Hum... aqui anda coisa... Meu amo, em vez de se ocupar da família, ocupa-se da Musa... Há de dar bons burros ao dízimo! (*Novo toque de campainha*) Lá vai! lá vai! (*Vai abrir*)

GILBERTO (*entrando*)

O Senhor Melo?

ALBINO

Está com a Musa.

GILBERTO

Com a...? (*Compreendendo*) Ah! sim! já sei, faz versos. A fama poética do Senhor Melo já me chegou aos ouvidos. Faz bem, faz muito bem... A prosa é terrena e vil, a poesia é celeste e nobre. (*Outro tom*) Posso falar-lhe, ou o Senhor Melo, quando cultiva as sete filhas de Apolo, não quer que o interrompam?

ALBINO

Ainda que não seja costume entre pessoas de boa sociedade fazer visitas antes do almoço, o Senhor Melo não o fará esperar.

GILBERTO

Vá preveni-lo, ande. Não declino o meu nome. Seria ocioso. O Senhor Melo não me conhece. (*Senta-se*)

ALBINO (*saindo a gritar*)

'Stá cá fora um cavalheiro

Que lhe deseja falar.

(*Perde-se o resto. Gilberto ergue-se assustado*)

GILBERTO (*tranquilizando-se*)

Ah! sim... aquilo é por obrigação.

CENA VIII

GILBERTO (*só*)

A minha coragem vai a pouco e pouco afrouxando. Nunca me senti tão pouco poeta, nem tão apaixonado! Se antes do pai me aparecesse a filha, ela me daria ânimo... Vem alguém... É ele, é o Senhor Melo...

CENA IX

Gilberto, Melo.

MELO (*entrando, como na outra cena, a ler um papel*)

Oito lustros há já que veio ao mundo

Para a ventura fazer do povo...

GILBERTO

Senhor Melo...

MELO (*sem se distrair*)
Oito lustros já há...
Oito lustros há já...
Há já lustros oito.
Já há oito... já oito há...
Sebo!... (*De mau humor*)

GILBERTO (*à parte*)
Mau! (*Alto*) Senhor Melo...

MELO
Lustros oito já há.
(*Atrapalhando-se*)
Já há lustros oitos...
(*De mau humor*)
Pílulas...

GILBERTO
Senhor Melo...

MELO
Já lustros oito há...
Há oito lustros já...
(*Agrada-lhe o verso*)
Hein? Ora graças! (*Repete*)
Há oito lustros já me veio ao mundo
Para a ventura deste povo fazer...
Está comprido!

GILBERTO
Senhor Melo...

MELO (*sem desviar os olhos do papel*)
Viva! (*Contando as sílabas nos dedos*) Pa-ra-a-ven-tu-ra-des-te-po-vo-
fa-zer. Tem uma sílaba de mais. (*Poetando*) Para a ventura...
(*Contando as sílabas como acima*)
Pa-ra-a-ven-tu-ra-fa-zer-do-po-vo.

Tem uma sílaba de menos!

GILBERTO

Senhor Melo...

MELO (*como acima*)

Viva (*poetando*)

Para a ventura... realizar o povo.

(*Agrada-lhe muito o verso, e fala rapidamente sem desviar os olhos do papel*) Depressa, senhor, depressa! Uma rima para povo. (*Estende os braços para Gilberto como para receber a rima, e estala os dedos com impaciência*)

GILBERTO (*atarantado*)

Hein?

MELO

Uma rima para povo.

GILBERTO

Ovo!

MELO (*olha admirado para Gilberto, cai em si, guarda os versos, e cumprimenta-o*)

Senhor...

GILBERTO

Senhor Melo. (*À parte*) Com esta é a sétima vez que digo Senhor Melo!

MELO

Desculpe-me se o fiz esperar. A Musa deu-me uma esfrega que me deixou a suar! (*Repete vagarosamente*)

A Musa deu-me uma esfrega,

Que me deixou a suar...

GILBERTO (*à parte*)

É doido!

MELO

Como são as coisas! (*Conta as sílabas*)

A-mu-sa-deu-me-u-ma-es-fre-ga,

Que-me-dei-xou-a-su-ar!

Batalho o dia inteiro para arranjar um verso, ao passo que agora, involuntariamente, improvisei dois. Sente-se, meu caro senhor, e, antes de dizer o que o trouxe a esta sua casa, permita que eu tome nota do improvisado.

GILBERTO

Pois não, à vontade. (*Senta-se*)

MELO (*indo escrever os dois versos e repetindo-os*)

A Musa deu-me uma esfrega,

Que me deixou a suar...

(*Guarda o que escreveu, e vai sentar-se perto de Gilberto*)

Nós, os poetas, devemos ter sempre bem presente o adágio: guarda o que não queres...

GILBERTO

E acharás o que precisas.

MELO

Quem sabe se estes dois versos não me poderão servir nalguma oportunidade? (*Outro tom*) Estou às suas ordens.

GILBERTO (*à parte*)

É agora! (*Alto, tossindo*) Hum! Hum! Hum!

MELO

Hum! Hum! Hum! (*À parte*) Vem pedir-me versos!

GILBERTO

Senhor Melo, há três meses eu estava na Rua da Candelária...

MELO

Foi comprar chá?

GILBERTO

Não fui comprar coisa alguma. Estava sem dinheiro, e não tinha onde cair morto. Ora, achando-me na Rua da Candelária, lembrei-me de atravessar a Rua da Alfândega. Atravessei. Quando cheguei à Rua Direita, tinha cinquenta contos de réis. Tornei a passar pela Rua da Alfândega em sentido contrário e, quando cheguei à da Quitanda, essa fortuna estava duplicada.

MELO

Com efeito, foi uma fortuna rápida... mas não admira, porque hoje arranja-se com mais facilidade quinhentos contos que um soneto.

GILBERTO

Autorizado por sua filha, a Senhora Dona Laura, venho pedir-lha em casamento.

MELO

Quer casar-se com minha filha? Homem! por esta não esperava eu.

GILBERTO

Sou de boa família, tenho perto de duzentos contos, gozo saúde, nunca fui preso, e sou republicano histórico.

MELO

Faz versos?

GILBERTO

Hein?

MELO

Pergunto se é poeta.

GILBERTO

Sou... Sou... (*Gesto de satisfação de Melo*) Isto é... (*Melo encara-o muito sério. Com resolução*) Sou.

MELO

Ainda bem!

GILBERTO

A prosa é terrena e vil, a poesia é celeste e nobre. Pois sua filha, a filha de um poeta, era lá capaz de gostar de quem não soubesse cultivar as sete filhas de Apolo?

MELO

Sete?

GILBERTO

Sim, sete, pois não são sete? (*À parte*) Ai! Ai!

MELO

As Musas são nove, meu caro senhor!

GILBERTO

Nove?

MELO

Não me consta que alguma tenha morrido.

GILBERTO

Eu não quero teimar, mas contemos. (*Conta nos dedos*) Dó, ré, mi, fá...

MELO

Isso são notas de música!

GILBERTO

Ah! tem razão! tem razão! Onde tenho eu a cabeça!

MELO (*naturalmente*)

Uma vez que o senhor é poeta, peça-me a mão da pequena em verso.

GILBERTO (*à parte*)

Oh! diabo!

MELO

Vamos! Ande! Improvise! Não esteja a estudar.

GILBERTO

Mas...

MELO

Ah! Não há *mas* nem meio *mas*! É poeta ou não é poeta!

GILBERTO

Sou assim um poeta da força do Senhor Melo.

MELO

Pois bem, venha o pedido! Se o não fizer, grogotó...

GILBERTO

Grogotó?

MELO

Galhetas. Grogotó galhetas, que é o legítimo grogotó!

GILBERTO (*à parte*)

E eu, que nunca fiz um verso!

MELO

Então? Em que ficamos?

GILBERTO (*à parte*)

Ora! Saia O que sair! (*Atrapalhado*)

Eu venho pedir-lhe a mão

Da senhora sua filha,
Porque bate por ela o meu peito...

MELO
Está duro.

GILBERTO
O meu peito?

MELO
Não, o verso. Diga outra vez do princípio.

GILBERTO
Eu venho pedir-lhe a mão
Da senhora sua filha.
Porque bate por ela o meu peito...

MELO
Aposto que vai concluir assim:
E ela é uma maravilha...

GILBERTO
Não, senhor.
Eu venho pedir-lhe a mão
Da senhora sua filha,
Porque bate por ela o meu peito
E quero pertencer à família.

MELO
Isso nunca foi verso, nem aqui nem na casa do diabo!

GILBERTO
Mas, Senhor Melo...

MELO
Pois bem, vai ver como sou condescendente. Faça-lhe uma concessão. Vou fechá-lo durante um quarto de hora nesta sala.

GILBERTO

Fechar-me!

MELO

Durante este tempo há de escrever uma poesia em que me peça a mão da pequena com todos os *ff* e *rr*. Se, ao cabo de um quarto de hora, não tiver feito nada, jamais será meu genro. (*Fecha as portas e a janela*) Aqui tem papel e tinta! Até logo! São sete horas e um quarto. Voltarei às sete e meia.

GILBERTO

Mas, Senhor Melo.

MELO

Olhe... ali está a deusa Vênus... Peça-lhe que o inspire: é a Vênus de Milo. (*Sai e fecha a porta*)

CENA X

GILBERTO (*só*)

Que situação! Enfim... (*Senta-se à mesa e escreve*) "Senhor Melo..." Ora, Senhor Melo! "Senhor Melo" é o começo de uma carta, e não o de uma poesia! (*Depois de pensar alguns instantes, ergue-se e atira fora a pena*) Não arranjo nada!... (*Dirigindo-se à estatueta*) Ó Vênus de Milo... quero dizer, de Milo... de Milo e de Melo... tu, que és a deusa do Amor, concede-me o dom da poesia! Tira-me desta entalação!

(*Abre-se ao fundo, no lugar da estatueta, uma gruta florida por onde entra Cupido, acompanhado de Amores*)

QUADRO II

CENA I

Gilberto, Cupido, Amores.

GILBERTO (*estupefato*)

Oh!...

COPLAS

I

CUPIDO

Eis o trêfego Cupido,
Filho de Vênus e Marte!
Sou bastante conhecido,
Conhecido em toda parte...
Tenho fama universal!
Faço o bem, promovo o mal
Pois domino as multidões,
Sou senhor dos corações,
Ah! Ah!
É o deus Cupido que aqui está!

II

No mundo, todos os peitos,
Quer dos homens, quer dos bichos,
'Stão mais ou menos sujeitos,
Aos meus múltiplos caprichos...
Todos se hão de sujeitar!
Ninguém me pode escapar!
Tudo, seja como for,
Obedece ao deus do Amor!
Ah! Ah! etc.

GILBERTO

Cupido! Tu és Cupido? Pois Cupido existe?

CUPIDO

Certamente. Eu sou Cupido, e este é o meu estado-maior... Existo, como vês. Há mais tempo não aparecia, por não haver liberdade de cultos. Hoje, que todas as religiões são livres, aqui estou. Vênus,

minha mãe, ouviu a tua invocação... e mandou-me tratar dos teus interesses. Senta-te àquela mesa, e escreve o que te vou ditar. (*Gilberto obedece*) "Senhor Melo".

GILBERTO

"Senhor Melo" já está.

CUPIDO (*continuando*)

"Vossa senhoria sabe que o estro não aceita imposições. Dentro de quinze dias voltarei à sua casa e submeter-me-ei a todas as experiências." Assina.

GILBERTO

Pronto!

CUPIDO

Agora vem comigo!

GILBERTO

Aonde me levas?

CUPIDO

A presença de Apolo; só ele te poderá conceder o que o pai da tua namorada exige. Irás nas asas do amor.

GILBERTO

Vamos?

TODOS

Vamos! (*Repetem o estribilho e saem todos pela gruta, que desaparece, ficando a cena como estava dantes*)

CENA II

Melo, só.

MELO (*entrando*)

Passou o quarto de hora. (*Vendo a cena vazia*) Hein? Já não está! Por onde passaria ele?! (*Examinando em baixo da mesa*) Nada! E esta?... Temos bruxaria! (*Saindo*) Ó menina! Ó Albino!... (*Sai. Mutação*)

CENA III

José, só.

(Ao levantar o pano ouve-se o coro dos poetas, cantado na Cena VI. Cessado o coro, José sai do palácio e fecha cuidadosamente a porta. Traz um molho de chaves na cinta e algumas liras de ouro debaixo do braço)

JOSÉ

Até que finalmente
Eu por hoje estou livre desta gente!
Diabo leve o Parnaso!
Se não fujo daqui, vai tudo raso!
Meus senhores, eu chamo-me José;
Vou dizer onde estou, e isto o que é,
Porém com muita pressa,
Pois que esta entrada nada tem com a peça.
Este país, da natureza um mimo,
Chama-se Fócida. Isto aqui é o cimo
Do Parnaso, a montanha mais famosa,
Onde ninguém pode falar em prosa,
É dos poetas hospício
Aquele imenso e fúlgido edifício,
E é curiosa a história
Desta fonte marmórea.
Apolo, o meu patrão, é das arábias:
Mas que ninguém tem lábias...
E, se *elas* não lhe prestam atenção
Vinga-se o maganão!
Era uma vez uma mulher bonita
Que pôs muita alma aflita,
Muita cabeça à roda;
Deu que falar, enfim, e andou na moda;

Apolo um dia a vê, e, de repente,
O coração lhe abrasa amor ardente.
Ele, a princípio, mostra que concorda,
Mas, passado algum tempo, rói a corda.
Sente Apolo a mostarda no nariz,
E transforma a pequena em chafariz!
Que graça de bruxo!
Um deidade foi, e hoje é repuxo!
Para ser mais pungente a represália,
O nome dela, o nome de Castália
Ficou à fonte. Singular virtude
Têm estas águas: não é dar saúde.
Não são de Caxambu nem de Vizela;
Mas quem delas beber, sem mais aquela
Fala em verso, quer queira, quer não queira!
Eu cá poeta me fiz desta maneira!
Ser poeta eu não queria,
Porque sempre embirrei com a tal poesia...
Mas, quando cá cheguei, quis beber água:
Imagem que mágoa
Ao dizer-me o patrão: — Beba dali!
Resisti... não bebi!...
Mas, no dia seguinte,
O patrão, por acinte,
Pôs-me os bofes a arder, a língua seca,
E uma enxaqueca... Safa! que enxaqueca!...
Vede, senhores, que suplício! vede!...
Ou fazer versos, ou morrer de sede!
Preferi fazer versos...
Desde então não consigo
Falar em prosa vil... Sim! Quereis ver?...
(Esforça-se por falar em prosa)
Quero em prosa falar... mas do querer
Vai ao poder uma distância enorme!
A gente aqui faz versos quando dorme!
(Ouve-se rumor)

Apolo, o meu patrão, aí vem de volta,
Trazendo as nove Musas por escolta.
Ele e elas aí vêm! Eis que começa!
Esta entrada a cantar pertence à peça.

CENA IV

José, Apolo, as musas.

COPLAS

I

APOLO

Eu sou filho de Júpiter,
O grande Apolo sou!
Na ponta, na pontíssima,
Eternamente estou!

AS MUSAS

As nove Musas clássicas
Estão aqui também;
Saracoteando, gárrulas,
Do seu passeio vêm.
Zim lá lá!
Oh! que bela funçanata!
Zim lá lá!
Que agradável passeata!
'Stou satisfeita, olá!

II

APOLO

O deus mais xispeteófero,
O deus melhor cá está,
Não há deus mais simpático,
Deus mais gentil não há!

AS MUSAS

Quando acordamos lépidas,
Tomamos o café,
Montou Apolo o Pégaso,
E nós fomos a pé.
Zim lá lá! etc.

APOLO

Cessem os cantos! — José.

JOSÉ

Pronto, senhor!
O serviço?

APOLO

'Stá feito?
Não penso nisso.

JOSÉ

Há muito tempo que está.

APOLO

'Stão almoçados os poetas?

JOSÉ

Sim, meu senhor. Foi precisa
Mais meia arroba de brisa
Perfumada com violetas.

APOLO

Vai lavar o meu cavalo;
Quero o Pégaso bem limpo.
Tenho de ir logo ao Olimpo.

JOSÉ

Sim, senhor, eu vou lavá-lo. (*Sai*)

TÁLIA (*a Apolo*)
Vê lá! vê lá se imaginas
Quem vem subindo!

APOLO
Que vejo!

TODAS
Cupido!

APOLO
Nem por gracejo
Estejam perto, meninas.

TODOS
Vamos embora!

APOLO
E depressa!...
Nada, que ele é bem capaz
De querer brincar e... zás!
(*Gesto de quem arremessa uma seta*)
Só me faltava mais essa.
(*Empurra as Musas, que saem*)

CENA V

Apolo, Cupido.

CUPIDO
Viva o seu Apolo!

APOLO
Olá!
Que grande ausência, Cupido!
Sejas bem aparecido!
Há muito não vinhas cá!

CUPIDO

As minhas ocupações

Não me permitem...

— Brejeiro,

Que levas o dia inteiro

A maltratar corações.

— Pois enganas-te, meu bem;

Eu tornei-me um deus pacato:

Já corações não maltrato,

Já não maltrato ninguém!

APOLO

Não esperava por esta!

Tu, outrora tão ferino,

Tornares-te um bom menino

E divindade modesta!

Quem operou tal milagre?

Deixaste de ser cruel?!

O fel transformou-se em mel.

CUPIDO

Eu bem quisera, e não posso

Recuperar a maldade...

O desalento me invade,

O mundo já não é nosso...

Há lá na Terra mesquinha

(De todos os olhos salta)

Uma potência mais alta

Do que a tua e do que a minha.

APOLO

Amor! Que dizes? Blasfemas!

Que enorme potência é essa?

Vamos! Dize-me depressa,

Com setecentos mil poemas!

CUPIDO

Ele é o deus mais adorado;
Todo mundo lhe obedece...

APOLO

Por Jove! que deus é esse?

CUPIDO

É o dinheiro.

APOLO

Estou calado.

CUPIDO

Sim, o dinheiro; por ele,
Perdi minha força imensa;
Não tenho seta que o vença
Nem sopro que o esfacle!
Quem já eu fui, e quem sou!

APOLO

Quem tu já foste, e quem és!

CUPIDO

Anda agora aos pontapés
Quem já aos beijos andou!

APOLO

Pois comigo é o mesmo caso;
Tudo o que vês to confirma...
E é só por honra da firma
Que não liquido o Parnaso.
Sempre o dinheiro a fugir
De quem poesias escreve!
Raro é o tipo que se atreve
Minhas graças a pedir!

CUPIDO

Mas afinal tem razão;
Pois, na sociedade abjeta,
Não consta que houvesse um poeta
Morrido de indigestão.
— Mas não falemos em tal,
Pois melhor assunto tenho.
Sabes de onde agora venho?...
Da Capital Federal.

APOLO

Desse país não me lembro.

CUPIDO

Ora! é o Rio de Janeiro.

APOLO

Então mudou de leteiro?

CUPIDO

Desde Quinze de Novembro.

APOLO

Do deus Apolo merece
Encômios mudança tal,
Pois *Capital Federal*
Se não é verso, parece.

CUPIDO

Um moço dessa cidade
Sente no peito um afeto,
Sagrado, puro, discreto,
Por uma doce beldade.
Quer esposá-la.

APOLO

E depois?

CUPIDO

Mas o pai da rapariga
(Sempre a mesma história antiga!)
Não quer casados os dois.

APOLO

Por quê?

CUPIDO

Talvez tu te rias...
Não é pra menos o caso...
Porque o moço, por acaso,
Não sabe fazer poesias.
O apaixonado galã
Teve a lembrança excelente
De pedir ardentemente
A proteção da mamã.

APOLO

Deveras?

CUPIDO

E Vênus bela
Ficou muito satisfeita,
Porque viu que, desta feita,
Alguém se lembrava dela;
Quis ao mancebo agradar
E recomendá-lo a ti;
Vim hoje te incomodar.

APOLO

Pois não ponhas mais na carta:
Vieste buscar a este monte
Um pouco da água da fonte
Castália. Espera. Vou dar-ta.
(*Dá dois passos para o fundo*)

CUPIDO (*retendo-o*)
Não! não! não! Comigo veio
O protegido de Vênus;
De súcia com os meus pequenos
Lá mais abaixo deixei-o.

APOLO
Vai buscá-lo; e, já que tenho
Um candidato a poeta,
Quero que seja completa
A patacoada!

CUPIDO
Já venho. (*Sai*)

CENA VI

Apolo, depois as Musas, José, depois Cupido, Gilberto, Amores.

APOLO (*só*)
Façamos deste caso o caso mais solene! (*Chamando*)
Terpsícore! Tália! Erato! Melpômene!
Calíope! Euterpe! Clio! Urânia... Falta alguém?...
Polímnia!... Venham cá! Então? vêm ou não vêm?

(Entram as Musas e José)

CORO
Por que tanta algazarra?
Que foi?... que sucedeu?...
Há novidade na barra?...
Alguém morreu?
Que sucedeu?
Que aconteceu?

(Continua a música em surdina na orquestra)

JOSÉ (*vindo ao proscênio, confidencialmente ao público*)

O Pégaso também devia estar presente,
E à peça o chamariz daria mais cem casas,
O empresário, porém, não pôde, infelizmente,
No mercado encontrar um cavalo com asas.

APOLO

Meninas, todo recato!
E não se ponham a rir!
Vai ao Parnaso subir,
Neste instante, um candidato!

(Entra Cupido trazendo Gilberto pela mão e acompanhado pelos Amores, que ficam ao fundo, enquanto os dois dão uma volta pela cena, cumprimentando Apolo e as Musas)

CUPIDO

Dás-me licença?

APOLO

Tens toda.

TÁLIA

Ai! é Cupido que o traz!

MELPÔMENE

É bem bonito rapaz!

CLIO

Quero beijá-lo!

ERATO

Estás doida!...

APOLO

Mancebo, quem quer que sejas

Que ao monte Parnaso ascendes,
Explica-me o que pretendes
E dize-me o que desejas.

GILBERTO

Meu caso Senhor Apolo, não vê que eu...

(As Musas, ouvindo prosa, dão um grito e tapam os ouvidos)

APOLO

Nem mais uma palavra! a prosa é proibida!

GILBERTO

Perdão, mas eu...

APOLO

Silêncio! ou já arranco a vida.

As nove Musas, vi! os seus ouvidos fecham.

AS MUSAS

Apolo, compaixão!

APOLO

Não vês como se queixam?

CUPIDO

Grande Febo, consente eu diga o que pretende

O pobre que das leis do verso não entende.

APOLO

Cupido, o que ele quer sei eu, sabem-no as Musas.

Portanto, ó deus do amor, de te explicar escusas!

GILBERTO *(à parte)*

Se sabia, por que perguntou?

APOLO

José, ligeiro vai dar liberdade aos poetas,
E que tragam consigo as líras irrequietas.

(José vai abrir o edifício do fundo. Entrada de um aluvião de poetas)

CORO

Nós todos, que subimos
Ao apolíneo monte,
E na Castália fonte
Bebemos uma vez,
Sentimos, sim, sentimos
O sacro fogo ardente
Que nos escalda a mente
E que tão bem nos fez.
Um dom não há mais nobre
Que a cândida poesia;
As almas inebria
Da poesia a voz;
É pobre, é mais que pobre
Quem desgraçadamente
No cérebro não sente
O que sentimos nós!

PRIMEIRO POETA *(destaca-se do grupo que ficou ao fundo, vem à boca de cena e declama, apontando para a cúpula do ponto)*

"Eis ali o lugar onde eclipsou-se
O meteoro fatal às régias fronte!"

SEGUNDO POETA *(destacando-se do grupo arrebatadamente)*

"Eu amo a noite, quando deixa os montes,
Bela, mas bela de um horror sublime!"

TERCEIRO POETA

"Perdoa, ó virgem, se te amar é crime!"

PRIMEIRO POETA

"Dormes? Eu velo, sedutora imagem,
Grata miragem que num ermo vi!
Quem pode ver-te sem querer amar-te?
Quem pode amar-te sem morrer por ti?"

QUARTO POETA

"Eu, Marília, não sou nenhum vaqueiro!"

SEGUNDO POETA

"Adeus, Teresa, adeus, eu vou-me embora."

QUINTO POETA

"Minh'alma é triste como a rola aflita
Que o bosque acorda desde o albor da aurora."

SEGUNDO POETA

"Coração, por que palpitas?
Por que palpitas em vão?"
(Mudando de tom, ao primeiro poeta)

PRIMEIRO POETA

"É Gonzaga! Maldição!"

QUARTO POETA

"Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar-me os olhos minha irmã... c'o dedo..."

TERCEIRO POETA

"Se de ti fujo, é que te adoro, e louco!
És bela, eu moço; tens amor, eu medo!"

PRIMEIRO POETA

"Vai, Colombo! abre a cortina
Da minha eterna oficina!
Tira a América de lá!..."

QUINTO POETA

"Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá."

APOLO

Basta de dizer asneiras!
Ponham-se em linha acolá!

QUINTO POETA (*naturalmente*)

"As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá!..."

APOLO

Ah! pois vocês não receiam
Que eu?... Ora esperem!... Vou já...
(*Ergue-se ameaçador. Os poetas correm para os seus lugares*)
Silêncio! cesse a desordem!
A meus pés, Clio, te deita!
Tália, fica à direita...
Ponham-se todas em ordem!
Vou fazer poeta este jovem...
Ajoelha-te, cidadão!
(*Gilberto ajoelha-se ao pé do trono*)
A minha resolução
Conto que todos aprovem.
Musas e Poetas que aprovam
Queiram sentar-se.
(*Sentam-se todos no chão, menos Cupido e José*)
Aprovado.

CUPIDO (*a José*)

Bravo! está tudo sentado!

JOSÉ (*a Cupido*)

As Musas nada reprovam.

APOLO

Como te chamas?

GILBERTO

Gilberto.

APOLO

Pois, Gilberto, eu te vou dar

O dom de metrificar.

Chega-te mais para perto.

(José traz da fonte uma ânfora cheia de água)

Bebe!

(Gilberto bebe, e, no mesmo instante, fica inspirado. Corre de um lado para outro, olhando para o céu, esbugalhando os olhos e apartando os cabelos com os dedos)

GILBERTO

O sol da inspiração

Sobre o meu cérebro atua!

JOSÉ *(à parte)*

Será o Sol ou a Lua?

CUPIDO

Foi muito rápida a ação!

GILBERTO

Quero uma lira também!

Vou cantar a minha amada,

De saudades torturada...

Quero uma lira!

JOSÉ *(dando uma lira)*

Aqui tem.

APOLO *(interpondo-se)*

Basta, meu caro senhor!

Deixe em paz o bem amado!
Terpsícore, anda, um bailado,
Que o bailado é de rigor!

(Terpsícore e as outras Musas dançam um bailado)

APOLO *(a Gilberto)*
Eu vou fazer-te um favor
Excepcional!

GILBERTO
Sim? qual é?

APOLO
Uma garrafa, José!

JOSÉ
Eu vou buscá-la, senhor! *(Sai)*

APOLO
Vais para a Terra levar
Uma garrafa desta água.
Queres ou não queres?

GILBERTO
Pago-a!

APOLO
Não é preciso pagar.

GILBERTO
O senhor enriquecia
(Que a palavra o não afronte!)
Se, pra explorar esta fonte,
Formasse uma companhia!
Não me chamasse eu Gilberto,
Quando todo o capital

Não fosse na empresa tal
No mesmo dia coberto!
Olha, se quer ser meu sócio...

(Apolo sorri, encolhe os ombros e dirige-se à fonte)

CUPIDO *(a Gilberto)*
Gilberto, que fantasia!
Ele é o deus da poesia,
Não é homem de negócio!

JOSÉ *(entrando com uma garrafa, que entrega a Apolo)*
Pronto, senhor.

APOLO *(depois de encher a garrafa na fonte, dando-a a Gilberto)*
Aqui tens.

GILBERTO
Muito obrigado, senhor,
Por tão precioso favor.

APOLO
Não há de quê.
Parabéns.

JOSÉ *(baixo, a Gilberto)*
Se alguma coisa me dá,
Leva mais uma garrafa,
Ou mesmo um garrafão!

GILBERTO
Safa!

JOSÉ
Cuidado, que Apolo aí está!

APOLO

Se nunca falar ouviste
De Apolo, meu bom rapaz,
De agora em diante dirás
Que lhe falaste e que o viste,
E me obsequiarás com isto,
Porque, segundo presumo,
Ninguém, por aquele rumo,
Sabe ao certo que eu existo.

GILBERTO

Se eu com isto te consolo,
Sabe: na minha cidade
Vão abrir com brevidade
Um Teatro chamado Apolo.

APOLO

Um Teatro, Apolo chamado!
Um Teatro Apolo, ó delícia!
Pois tinhas essa notícia
A dar-me, e estavas calado?
Não vês como estou contente?
Oh! doce alegria infinda!
Vejo que há na Terra ainda
Quem faça caso da gente!
Ó José! Depressa! Manda
Aparelhar o meu carro,
Que do Parnaso desgarrar
Por alguns dias.

AS MUSAS e OS POETAS

Oh!

APOLO

Anda! (*José sai*)

CUPIDO

Quê! vens conosco?

APOLO

Vou, sim!

Quero ver o meu teatro,
E farei o diabo a quatro,
Se não for digno de mim!...

AS MUSAS (*rodeando Apolo*)

Papai!... Papai!...

APOLO

Ó meninas,

Tenham muito juizinho!

JOSÉ (*voltando*)

'Stá pronto o carro. O caminho
Meu bom Cupido, me ensinas.

APOLO (*às Musas*)

De novo lhes recomendo
Que tenham muito juízo,
Todo o recato é preciso
Nos tempos que vão correndo.

GILBERTO

Grande Apolo, não te rales,
Trarás da Terra o magnífico
E celebrado específico
Do S'or Doutor Costa Sales.

CANTO

AS MUSAS

Papai vai fazer viagem!
Sozinhas vamos ficar!
Talvez nos falte a coragem

Para a ausência suportar!

Ai! ai!

Papai.

Lá vai.

APOLO

Não chorem, senão eu choro,

E não desejo chorar!

Sosseguem! Não me demoro,

Em breve hei de cá voltar.

AS MUSAS

Ai! ai!

Papai

Lá vai!

APOLO e CUPIDO

Adeus!

Adeus! (*Saem*)

As MUSAS e OS POETAS

Que bom! foram-se embora!

Caiamos no cançã!

Dancemos nós agora

— Até pela manhã!

(*Cançã muito animado*)

QUADRO III

(*Rasga-se o fundo, e vê-se no espaço o carro de Apolo dirigido por ele.*

Cupido e Gilberto vão dentro do carro. Os amores formam grupos voando)

ATO III

QUADRO IV

Praça pública na ilha de Pandigônia.

CENA I

Apolo, Cupido, Gilberto, depois um transeunte.

CUPIDO (*entrando*)

Oh!, que grande estopada!

GILBERTO (*entrando*)

Não há maior maçada!

APOLO (*entrando. Ao público*)

Toda a atenção, que eu narro

O que nos sucedeu nas regiões aéreas,

E ter podia consequências serias!

(*Naturalmente*)

Partiu-se uma das rodas ao meu carro.

CUPIDO

Foi brincadeira de algum deus vadio!

APOLO

Bóreas, talvez, que quis roubar-me Clio,

E um dia aos pontapés desceu do monte.

CUPIDO

Não foi outro!

APOLO

Julguei me acontecesse agora

O mesmo que a meu filho Faetonte,

Quando a boleeiro se meteu outrora.

GILBERTO

Mas, graças às cabaças,
Não há que lamentar grandes desgraças.

CUPIDO

Eu mandei para o Olimpo os meus pequenos
Tranquilizar a Vênus.

GILBERTO

Felizmente encontramos um ferreiro,
Que consertando está da roda o eixo.

APOLO

E temos que passar um dia inteiro
Aqui nesta cidade!

CUPIDO

Eu não me queixo:
Parece-me lindíssima a cidade!
Não a conheço.

APOLO

Pra falar verdade.
Eu mesmo ignoro em que país estamos.
Lá vem um tipo. Interrogá-lo vamos.
Mas falemos-lhe em prosa,
Pois em verso tornamo-nos suspeitos.

CUPIDO

Coisa dificultosa!
A água da fonte faz os seus efeitos!

GILBERTO

Em prosa, meu amigo,
Dizer duas palavras não consigo!

CUPIDO

Talvez que se precise
De outra água que os efeitos neutralize...

APOLO (*interrompendo*)

De nada mais preciso
Do que a própria vontade e o próprio juízo
Eu posso, quero e mando! E agora conto
Que falemos em prosa! Um! Dois! Três!
Pronto!...
(*Indo ao transeunte que aparece*)
Meu caro senhor, dá-nos duas palavras.

O TRANSEUNTE

Quantas queira.

APOLO

Nós andamos a correr mundo.

O TRANSEUNTE (*examinando-os*)

Naturalmente são saltimbancos... A julgar por esses trajés...

APOLO

Adivinhou. Somos saltimbancos. Eu faço exercícios de força muscular.

CUPIDO

Eu danço na corda bamba.

GILBERTO

E eu sou o secretário da companhia.

APOLO

Como ia dizendo, andamos a correr mundo, e por acaso viemos ter a esta cidade. O senhor muito me obsequiaria se nos informasse em que lugar estamos.

O TRANSEUNTE

Não admira que não o saibam, porque esta ilha não figura em nenhuma carta geográfica, nem nunca foi visitada por estrangeiros. Os senhores estão na Pandigônia.

OS TRÊS

Na Pandigônia?

APOLO

E quem governa a Pandigônia? Um rei? Um imperador? um presidente? um cônsul?...

O TRANSEUNTE

Nada disso. A Pandigônia é governada por famílias e não por indivíduos.

CUPIDO

Por famílias?

O TRANSEUNTE

Sim, mas uma de cada vez, já se sabe. Como o governo é periodicamente renovado, há probabilidade de contentar a todos. Aqui onde me veem, já estive e ainda conto estar no poder com minha mulher e meus filhos.

APOLO

É original!

(Vozeria dentro)

CUPIDO

Que bulha é esta?

O TRANSEUNTE

Uma pequena insurreição política. São mulheres que protestam por lhes ter sido negado o direito do voto. Elas aí vêm!

CENA II

Os mesmos, algumas mulheres políticas.

CORO DAS MULHERES POLÍTICAS

Não há maior iniquidade
Do que este ataque à liberdade!
Deve a mulher,
Haja o que houver,
Votar e ser também votada!
Se nada se alcançar,
Um rolo aqui se faz!
Zás!
Trás!

UMA DAS MULHERES

É uma tirania! Não há razão que se oponha a que nós votemos!

OUTRA

Protestemos com toda a energia!

TODAS

Protestemos!

CUPIDO

Então, minhas senhoras? Perdem o seu tempo! Do que servem esses protestos! Há um meio muito mais eficaz de conseguirem o que desejam...

TODAS

Qual é? qual é?...

CUPIDO

Façam greve!

TODAS

Greve?

CUPIDO

Recusem os seus serviços, e diabos me levem se dentro em três dias não lhes fizerem todas as concessões.

APOLO

Naturalmente. O gênero feminino é em toda a parte um gênero de primeira necessidade.

PRIMEIRA MULHER

É exigir muito de nossas forças. Passar a vida inteira sem votar, isso passamos; mas levar três dias sem fazer o serviço de casa... hum!... é muito difícil.

SEGUNDA MULHER

A greve seria imediatamente furada.

CUPIDO

Nesse caso, minhas senhoras, protestem... e não façam caso da opinião do Amor.

TODAS

Do Amor?

APOLO (*baixo, acotovelando Cupido*)

Ó diabo! não te dêes a conhecer!

CUPIDO

Sim, façam de conta que o Amor lhes fala pela minha boca... E, para dizer-lhes toda a verdade, lhe pesaria, a ele, ao Amor, vê-las deputadas e senadoras. Nem a mulher foi feita para a política, nem a política foi feita para a mulher.

APOLO (*a uma das mulheres*)

Eu já não penso assim, minha senhora; não se me dava de vê-la na... Câmara.

PRIMEIRA MULHER

Minhas amigas, estes senhores estão zombando de nós. Vamos levar mais longe os nossos protestos.

TODAS

Vamos! (*Saem*)

CENA III

Apolo, Cupido, Gilberto, o transeunte, depois os aposentados.

PRIMEIRO APOSENTADO (*entrando e abraçando o transeunte*)

Ah! meu amigo! que felicidade! dá cá um abraço!...

O TRANSEUNTE

Como estás contente! Que te sucedeu?

PRIMEIRO APOSENTADO

Fui aposentado!

GILBERTO

Aposentado! Mas o senhor não parece ter mais de quarenta anos!

PRIMEIRO APOSENTADO

Tenho apenas trinta e quatro, e gozo uma saúde de ferro! É por isso que estou contente.

CUPIDO

Já vejo que não há país como a Pandigônia!

SEGUNDO APOSENTADO (*entrando*)

Oh, que ventura! que ventura! fui aposentado!...

GILBERTO

Também este!

CUPIDO

É quase uma criança!

O TRANSEUNTE

Não fez ainda vinte anos, mas tem prestado muitos bons serviços ao país.

(Entra o terceiro aposentado; é um menino de dez anos)

TERCEIRO APOSENTADO

Estou contentíssimo! fui aposentado!...

APOLO

É extraordinário! pois esta criança!

TERCEIRO APOSENTADO

Já não há crianças, meu caro senhor!

GILBERTO

Decididamente venho para a Pandigônia depois de casado!

(Entra o quarto aposentado, é um menino de seis anos; vem montado num cavaleiro de pau)

QUARTO APOSENTADO

Que bom! que bom!... fui aposentado!...

APOLO, CUPIDO, GILBERTO

Oh!...

(Entram outros meninos também montados em cavaleiros de pau)

OS MENINOS

Fui aposentado, fui aposentado!...

PRIMEIRO APOSENTADO

Bem! — e agora, como ainda temos forças para o trabalho, vamos tratar da vida!

SEGUNDO APOSENTADO

Qual há de ser?

PRIMEIRO APOSENTADO

Proponho que nos façamos todos zangões!

TODOS

Apoiado! apoiado!...

PRIMEIRO APOSENTADO

Ao Encilhamento!

TODOS

Ao Encilhamento...

(Os meninos fazem roda e executam uma dança infantil. Saem dançando e cantando)

APOLO *(ao transeunte)*

Eles falaram em *Encilhamento*; que diabo quer isto dizer?

O TRANSEUNTE

Pois o senhor não sabe o que é o Encilhamento? É o lugar onde se encilham animais.

CUPIDO

Quê? pois ser zangão é encilhar animais?

O TRANSEUNTE

Não senhor; aqui a coisa é tomada em sentido figurado. A cilha é o jogo da Bolsa.

APOLO

Ah! — e os animais?

O TRANSEUNTE

Naturalmente são os que se deixam encilhar. E na realidade muitos de lá saem com a cilha na barriga.

GILBERTO

Por falar em animais: vou ver se o carro está pronto.

CUPIDO

Vai. (*Gilberto sai*)

O TRANSEUNTE

Sou obrigado a deixá-los: vou ao Encilhamento.

APOLO

Também o senhor?

O TRANSEUNTE

Aqui na Pandigônia todo o cidadão que se respeita vai ao Encilhamento. (*Cumprimentando*) Adeus, caros artistas, adeus... Estimo que sejam felizes.

APOLO, CUPIDO

Adeus. Obrigado. (*O transeunte sai*)

CENA IV

Apolo, Cupido, depois os Homens Barbados.

APOLO

Foi o diabo esta demora! Tarda-me ir ao Rio de Janeiro ver o tal teatro Apolo.

CUPIDO

Olha, filho, não vás julgar que isto é inveja; seria mais justo que o teatro se chamasse Cupido.

APOLO

Ora essa! Por quê?

CUPIDO

Cupido, ou, a rigor, Baco. Hás de ver por que.

APOLO

Xi! que coleção de barbaças aí vêm!...

(Entram os Homens Barbados, trazendo chapéus Chile)

CORO

Valha-nos Deus! que cacetada!
Que cacetada se apanhou!
Foi muito longa a tal maçada,
Mas felizmente já passou.
Eu vou deixar de ser barbado;
Não uso mais destes chapéus!
Por causa disto, Deus louvado,
Todos andamos aos boléus!...
Que cacetada!...

PRIMEIRO HOMEM

De boa escapamos!

SEGUNDO HOMEM

Quem diria que as nossas barbas e os nossos chapéus do Chile nos tornariam suspeitos!

CUPIDO

Contem-nos isso.

PRIMEIRO HOMEM

Imaginem que há aí um criminoso, um grande criminoso que ninguém sabe quem é. Sabe-se apenas que é um homem barbado, e usa um chapéus destes.

SEGUNDO HOMEM

Por conseguinte, foram chamados à presença da autoridade todos os habitantes da Pandigônia que se acham nessas condições.

PRIMEIRO HOMEM

Felizmente podemos com facilidade provar a nossa inocência... mas lá ficaram ainda detidos uns trinta. Pudera! estes chapéus estão agora em moda!

APOLO

Olhem que brincadeira!

SEGUNDO HOMEM

Vamos tranquilizar nossas famílias.

PRIMEIRO HOMEM

E fazer a barba... Vou deitar tudo isto abaixo! Nada, que me vi deveras abarbadado!

TODOS

Vamos! (*Saem*)

GILBERTO (*entrando a correr*)

Fujamos, senão estamos perdidos! Está pronto o carro! Fujamos!

CUPIDO

Mas... por quê? por quê?

GILBERTO

Vem aí o intendente de polícia; disse-me um habitante da ilha que ele anda à procura dos indivíduos sem profissão para prendê-los e deportá-los. Ora, nós não temos profissão... nem passaporte, nem nada!

APOLO

Sim, o caso não é para graças...

CUPIDO

Não faltava mais nada! Vamos!

OS TRÊS

Vamos! (*Saem*)

CENA V

O intendente de polícia, depois um primo.

O INTENDENTE (*falando para dentro*)

Leve-o! leve-o para o gaiola! É tão bom como os outros!

COPLAS

I

Não é bom que a sociedade
Veja impune um vagabundo!
Não posso limpar o mundo,
Porém limpo esta cidade!
Sem profissão decorosa
Ninguém devo tolerar,
E mando catrafilhar
Toda a gente perigosa!
Muita gente está zangada,
Pelas costas me quer ver;
Mas, confessa a gente honrada,
Sei cumprir o meu dever!

II

Sujeito que não trabalha,
Parasita ou ratoneiro,
Manejador de navalha,
Beberra-o ou desordeiro...
Devem ser todos punidos,
E deles não tenho dó!
Vão todos pro xilindró,

Apesar de protegidos...
Muita gente está zangada, etc.

O PRIMO (*entrando*)

Senhor, meu primo acaba de ser preso por sua ordem. Peço-lhe que o não deposite.

O INTENDENTE

Não peça: perde o seu tempo. Seu primo é tão bom como os outros que já lá foram.

O PRIMO

Mas...

O INTENDENTE

Não insista! O que disse está dito! E não me aborreça! (*Sai*)

O PRIMO (*só*)

E é assim que me tratam, a mim, que tantos serviços prestei! Pois vingo-me, abandonando o país! (*Sai. Mutação*)

QUADRO V

No jardim do Teatro Apolo.

CENA I

Artistas, coristas, músicos, empregados do teatro.

(É dia. Tem acabado o ensaio. Os personagens saem do interior do teatro)

CORO

Está o ensaio terminado,
Agora, vamos esperar
Que o nosso público ilustrado
Seu parecer nos venha dar.

UMA ATRIZ

A peça vai fazer furor,
Pois não lhe falta um matador!

OUTRA

Tem muita, muita graça a peça;
Nem um instante o riso cessa.
E a partitura é de primor!

UM ATOR

Que novidade dá você!
Não fosse a música de Hervé!

OUTRO

A peça agradará,
Pois bem montada está.

UM CORISTA

De mais a mais, o teatro é novo
E atrai o povo!

UM DOS ATORES

É peça que não cai!

OUTRO

Sim, a *Nitouche* um dinheirão dar vai!

CORO

Está o ensaio terminado, etc.

PRIMEIRA ATRIZ

Estou muito contente com o meu papel, e conto agradecer muito esta noite.

PRIMEIRO ATOR

Que bela peça é *Mam'selle Nitouche*! Não troco por nenhum outro aquele meu papelinho!

SEGUNDA ATRIZ

A casa está completamente tomada!

SEGUNDO ATOR

Ih! há de ser uma enchente!

PRIMEIRA ATRIZ

Adeus; tenho ainda que ver umas coisas que me faltam para logo à noite.

SEGUNDA ATRIZ

Espera. Eu vou contigo.

PRIMEIRO ATOR

Eu também me vou embora. (*Saem todos*)

CENA II

A ARTE DRAMÁTICA NACIONAL

Que gente aquela será?

Ah! já vejo... São artistas...

Empregados e coristas...

O ensaio acabado está.

(*Descendo ao proscênio. Ao público*)

Senhores, esta figura

Pouco atraente e simpática,

Saibam, é a Arte Dramática

Deste país sem ventura.

Nasci quando florescia

João Caetano, esse portento

No Largo da Academia,

Mas que, se vivo estivesse,

Viveria na desgraça,

Pois aqui por ela passa

O artista quando envelhece.

Já fui formosa e chibante
Tive mil adoradores
Que suspiravam de amores
Quando eu passava arrogante;
Mas tanto me maltratou
A sorte, e fui tão caipora,
Que da beleza de outrora
Nem vestígio me ficou.
Sabendo que se inaugura
Este teatro, aqui venho,
Pelo interesse que tenho
Guardado nest'alma escura.
Dá ideia de uma nau
O novo edifício, e eu acho
Ter ficado um tanto baixo,
Mas não é de todo mau.
Entretanto, meus senhores,
'Stou convencida que o povo,
Em vez de um teatro novo,
Quisera novos atores,
Pois, pelos modos, parece
Que se vai findando a lista,
E em breve o último artista
Do palco desaparece.
Sim, senhores, porque, em suma,
Nos teatros, infelizmente,
Vejo sair muita gente,
E não vejo entrar nenhuma,
Mas basta de dar à língua,
Eu vou para aquele canto,
E, dando largas ao pranto,
Lastimar a minha míngua.

CENA III

O Sutil, Apolo, Cupido, Gilberto.

O SUTIL

Ora está feita a vontade aos cavalheiros. Mostrei-lhes todo o teatro à exceção do salão do público, porque ainda não está pronto.

APOLO

Não é mau, não é mau, mas que diabo! um teatro que se chama Apolo devia ser todo de mármore e ouro!

CUPIDO

A inauguração é hoje impreterivelmente?

O SUTIL

Impreterivelmente.

APOLO

Não há meio de arranjar um camarote?

O SUTIL

Nem uma cadeira!

GILBERTO

Hão de ver que nas mãos dos cambistas...

O SUTIL

Quais cambistas! Pois o senhor não sabe que a polícia acabou com eles? Já não há cambistas! (*Um cambista que entra chama Gilberto de parte o oferece-lhe bilhetes*) Podem os senhores ficar certos de que não há mais um cambista no Rio de Janeiro!

GILBERTO

Apenas este...

O SUTIL (*zangado*)

Oh! (*Corre para o cambista, que desaparece*)

GILBERTO

Quer os olhos da cara por três cadeiras... Viremos noutra ocasião.

O SUTIL

Os senhores acordaram tão tarde!

APOLO

Se eu cheguei hoje!

O SUTIL

Ah! é de fora?

APOLO

Sim, senhor. (*Cupido acotovela-o*) Sou da Bahia.

CUPIDO

É uma vítima do Tabuão.

O SUTIL

Pois estimo que o teatro lhes tenha agradado... Eu cá por mim gosto dele... Apenas embirro com o nome.

APOLO

Perdão, mas o nome... Apolo...

O SUTIL

Já ninguém sabe quem foi Apolo... é um deus muito rococó. Podiam ter escolhido coisa melhor. (*Apertando-lhes as mãos*) Adeus, tenho muito que fazer... Quando quiserem... sou o administrador do teatro. Chamo-me Sutil. (*Sai*)

OS TRÊS (*arremedando-o*)

Sutil...

(*Gilberto sai*)

CENA IV

Apolo, Cupido, Gilberto.

APOLO

Um deus rococó! Rococó será ele!

CUPIDO

Viste o teu retrato no pano de boca!

APOLO

Vi... a tocar rabeça... Uma pilhéria do Senhor Rafael... Onde ficou a clássica lira de Apolo?

GILBERTO (*descendo*)

Quem dirá que isto aqui já foi a casa do Braga Júnior?

CUPIDO (*a Apolo*)

Quando tencionas voltar ao Parnaso?

APOLO

Tencionava voltar imediatamente, mas uma vez que estamos enroupados à moda da terra...

CUPIDO

Providência de que me lembrei para não darmos na vista...

APOLO

...ficaremos mais alguns dias. Valeu?

CUPIDO

Valeu.

APOLO

Já agora quero ver a Capital Federal.

GILBERTO

Eu é que peço licença para deixá-los. Vou...

APOLO

Não tens que ir a parte alguma. Serás o nosso cicerone.

GILBERTO

Perdão, mas a minha namorada e o meu futuro sogro esperam-me.

APOLO

Pois que esperem! Se teimas, tomo-te essa garrafa!

GILBERTO

Isso não!

CUPIDO

E o espalhafato que causou o teu carro quando apareceu na cidade?

APOLO

Mas eu disse que era um argentino que vinha a toque de caixa de Buenos Aires, e engoliram a pílula. Aonde vamos agora?

CUPIDO

Sei lá! Vamos por aí... por essas ruas... (*Vão saindo; a Arte Dramática Nacional entra e embarga-lhes o passo*)

CENA V

Os mesmos, a Arte Dramática Nacional.

APOLO

Quem é esta velha andrajosa?

CUPIDO

Que horror!

GILBERTO

Quem é a senhora?

A ARTE

Eu sou a Arte Dramática Nacional.

APOLO

A Arte? Ninguém o dirá!

GILBERTO

Eu vou recomendá-la ao Doutor Pires de Almeida; é digna de figurar na *Artilheria Histórica*, da *Gazeta*. — Vamos, diga, que quer?

A ARTE

Sei que este senhor deseja ver os teatros do Rio de Janeiro, e não dispõe de muito tempo. Quero mostrá-los, sem que para isso sejamos obrigados a arredar pé daqui.

CUPIDO

Boa ideia.

APOLO

Bem lembrado!

GILBERTO

Não se me dá de ver isso!

A ARTE

Apareça em primeiro lugar o mais velho, o São Pedro.

CENA VI

Os mesmos, São Pedro, depois o recreio, depois o Santana, depois a Fênix, depois o Lucinda, depois o Variedades, depois o Politeama, depois uma atriz, atores espanhóis, depois o Lírico, depois japoneses

O SÃO PEDRO

Ora deixe-me com a minha vida! Estou desesperado!

TODOS

Por quê?

O SÃO PEDRO

Pois não sabem? fui vendido.

TODOS

Vendido?

O SÃO PEDRO

Sim, vendido, eu, o teatro mais glorioso do Brasil, o teatro de João Caetano! Vão transformar-me num grande estabelecimento de modas!

TODOS

Deveras?

O SÃO PEDRO

É o que lhe digo.

CUPIDO

Também você ultimamente só servia para bailes mascarados.

GILBERTO

E espetáculos impossíveis... aos sábados e domingos... com uns dramalhões levados de todos os diabos!...

O SÃO PEDRO (*fazendo da mão trombeta acústica*)

Como?

APOLO

E depois, vejam! é surdo! Os teatros surdos não prestam!

CUPIDO

É verdade que este não é um teatro de música...

O SÃO PEDRO

De música? Perdão, eu tive os *Três Bemóis!*

GILBERTO

Ora os *Três Bemóis!* Um espetáculo de circo!

A ARTE

Venha outro? — Qual há de ser!

APOLO

Veja se vem algum mais divertido.

CUPIDO

O Recreio!

A ARTE

Pois venha o Recreio!

O RECREIO *(entra dançando a polca "Vamos para Mato Grosso", executada em surdina pela orquestra. Dá algumas voltas pelo palco, para, e diz muito sério)*

A variedade deleita... por isso, não faço outra coisa senão variar.

CUPIDO

Está variando.

O RECREIO

Hoje, o dramalhão; amanhã, a comédia; depois, a revista; depois, a peça literária... Molière e Offenbach!... *Sganarello e o Sarilho.*

(Continua a dança interrompida. Todos dançam)

A ARTE

Este conhece perfeitamente o público.

O SÃO PEDRO

Conhece, e por isso enriqueceu.

APOLO

Venha outro!

A ARTE

Apareça o Santana!

O SANTANA (*entrando*)

Eu sou, meus senhores, o teatro mais caluniado do Rio de Janeiro.

TODOS

Como assim? Por quê?

O SANTANA

Pois não! Dizem todos que sou um teatro de opereta. Pois bem, não ponho opereta que não caia, ao passo que ultimamente hospedei uma companhia dramática, e o povinho não me abandonou uma noite...

O RECREIO

Mas agora voltaste aos teus antigos amores.

O SANTANA

Voltei... tenho uma nova edição da Companhia Heller.

APOLO

E que tem feito?

O SANTANA

Têm sido umas em cheio, outras em vão... vou vivendo... Mas com que saudades da Fênix!

A ARTE

A propósito, venha a Fênix!

GILBERTO

Pois ainda existe a Fênix?

A FÊNIX (*entrando*)

Se ainda existo? Ora ouve!

COPLA

Eu estava pro canto atirada,
Já tinham rezado por mim,
E há muito era coisa provada
Que próximo estava o meu fim.
O público vendo remisso,
Confesso: dispunha-me até
A transformar-me num cortiço,
Que muito bom negócio é.
Uma bela opereta
A situação salvou,
E me encheu a gaveta,
E o público voltou!

A ARTE

Bom! Agora venha o Lucinda.

O LUCINDA (*entrando e abraçando a Arte*)

És tu que me chamas, ó minha adorada amiga? Cá estou... Mas que é isso? que andrajos são esses?... (*A Arte faz uma careta para não chorar. O Lucinda cobre o rosto com as mãos. A orquestra executa em surdina a melodia da Dalila*) — Não venho diretamente da Rua do Espírito Santo. Negócios de interesse me chamaram à Rua do Ouvidor, e vi a Imprensa, que me fez carga por eu ter dançado o cançã. Que queres? Um dia, lembras-te? tu me disseste: — Meu filho, tenho dois favores a pedir-te. O primeiro é que me dêes um ar de riso. Eu tentei sorrir-me. Depois, continuaste tu, é que me representes hoje o Carnioli. — Não, não, disse eu com voz pungente, querendo simular uma alegria, no dia do teu casamento... Agora falta-me a Dalila... Vou representar outras peças igualmente literárias... as Duas Diplomatas... Meter-se a Redentor... o Bandido de Casaca... Representei!... Enquanto representei, não tive senão vazantes... Enchia-se o Santana, enchia-se o Recreio, enchia-se o Variedades; só eu não me enchia porque não dançava o cançã! (*Todos os personagens enxugam silenciosamente as lágrimas. A melodia da Dalila vai a pouco se transformando numa toada alegre e saltitante*) Então não podendo encher-me de público, enchi-me de coragem, mandei

para o diabo todos os meus escrúpulos, e comecei a dançar o cançã... Principiei a dançar o cançã com o Crime do Padre Amaro... A princípio assim... (*A música vai crescendo. O Lucinda dança. Todos os personagens o imitam...*) assim... meio envergonhado... meio corrido... e depois assim... assim... mais... mais!... (*Com explosão*) E, finalmente hoje, danço o cançã desenfreado, louco, infernal!

(*A orquestra executa o cançã a toda a força. Todos dançam entusiasticamente*)

APOLO

Silêncio! Isto vai desandando em pândega! (*A música vai diminuindo, e a dança vai arrefecendo também, até acabar de todo. O Lucinda e a Arte lançam-se nos braços um do outro, chorando*) Venha outro teatro! (*Indo bater no ombro da Arte*) Psiu! Olá! Chama outro!

A ARTE (*chorosa*)

Venha o Variedades. (*O Variedades entra e canta*)

VALSA

Se eu vivo feliz e contente,
É graças à bela *Mimi*;
Risonho me afaga o presente,
E o futuro me sorri!
Do fundo d'alma detesto,
Desejo peça faceta,
Quero a opereta
E o *vaudeville* exp'rimentar.
Eu sei que ao público agrada
Mais da Leonor a pernada
Do que a virtude premiada
Do final de um drama bom,
Sei que uma valsa bonita
Todo este público agita
Mais do que uma peça escrita

Por Dumas ou Pailleron!
Se eu vivo feliz e contente, etc.

O RECREIO
Aí está um Colega que tem sido feliz.

O VARIEDADES
Pudera! Comecei por onde os outros acabam.

TODOS
Como assim?

O VARIEDADES
Comecei pela *Meia-noite...* mas a minha mascote foi *Mimi Bilontra*.

O SANTANA
Uma peça estupefaciente!

O VARIEDADES
Estou lançado!

A ARTE
Agora apareça o Politeama.

O POLITEAMA (*entrando*)
Lá lá lá lá lá lá lá!

(*Entrada de clown*)

CUPIDO
Este parece contente!

O POLITEAMA
Estou na realidade contente, graças a uma companhia equestre.

APOLO
Tinha bons artistas?

O POLITEAMA

Nem por isso; o que ela tinha eram magníficos bichos? Um elefante, duas focas, alguns cavalos e outros bichos fizeram a minha fortuna.

A FÊNIX

Mas a menina dos teus olhos foi o Blondin...

O POLITEAMA

Oh! Blondin, o famoso cavalo equilibrista!...

APOLO

Um cavalo equilibrista...

O RECREIO (*com desprezo*)

Equilibrista é um modo de dizer.

O POLITEAMA

Ora essa! Pois se ele atravessava uma corda... Ora atravessava! atravessava! Um metro... dois metros, quando muito.

O SÃO PEDRO

E a corda era muito larga...

O POLITEAMA

Sim, convenho, era bastante larga.

O SANTANA

Nem era uma corda, era uma prancha...

O POLITEAMA

Sim, uma prancha, reconheço, mas muito estreita.

CUPIDO

Em que ficamos? Era estreita ou larga?

O POLITEAMA

Como corda era larga, mas como prancha era estreita.

O VARIEDADES

E o cavalo passava muito devagar...

O SÃO PEDRO

Doucement, Blondin... Doucement...

GILBERTO

Assim como se pisasse ovos...

APOLO

E é com isso que se atrai o povo? Ah, seu Politeama, se você apanhasse um cavalo que tenho lá no Parnaso...

TODOS

No Parnaso?

CUPIDO (*vivamente, disfarçado*)

Parnaso é uma fazenda que ele tem lá na Bahia.

APOLO

Isso é que era obra! Um cavalo que voa!...

TODOS

Que voa?!...

CUPIDO (*disfarçando*)

Vamos... venha outro teatro!

O POLITEAMA

Perdão, é preciso que saibam: não me presto exclusivamente aos cavalinhos... tenho uma companhia de zarzuelas. Ei-la.

(Entram alguns artistas mal vestidos)

APOLO

Por Júpiter! que pobreza franciscana!

O POLITEAMA

A pobreza não é vício.

UMA ATRIZ

Nosotros somos pobrecitos, pero una compensación: cantamos muy bien.

CUPIDO

Pois deem-nos uma amostra dos seus talentos!

A ATRIZ

Con mucho gusto. (Canta um tango espanhol com acompanhamento de coros)

APOLO

Outro teatro!

A ARTE

Apareça agora o Pedro II.

O LÍRICO (*entrando*)

Perdão; o Pedro II, não; agora chamo-me Teatro Lírico.

O LUCINDA

Aderiu.

CUPIDO

Lírico por quê?

O LÍRICO

Naturalmente porque deixei de ter companhias líricas.

APOLO

Deixou por quê?

O LÍRICO

Porque o público não quer.

A FÊNIX

Pobre público! tem costas largas!...

A ARTE

Tem razão: o público não quer senão lunduns!

CUPIDO

Pelo amor de Deus, não fale mal dos lunduns.

A ARTE

Pois defendes essa vergonha musical?

CUPIDO

Defendo, sim, senhora, e por solfa. Ouça.

LUNDUM

I

Embora haja quem diga

Do gênero tão mal,

Não sei de outra cantiga

Que tenha tanto sal.

Sujeito já sem bola,

Que esteja pra morrer,

Ouvindo uma viola,

Começa a reviver.

Iaiá!

laiá!

Como um lundum não há!

Iaiá!

laiá!

Vida e calor nos dá!

II

Ouvindo cançonetas
E pândegos *couplets*,
Não sinto malaguetas
Arderem-me nos pés;
Mas se um lundum brejeiro
Acaso ouço cantar,
Jesus! que formigueiro
Obriga-me a saltar!
Iaiá! etc.

CORO
Iaiá! etc.

A ARTE
Dize a estes senhores o que tiveste este ano.

O LÍRICO
Em primeiro lugar, uma companhia de cavalinhos.

APOLO
Oh! oh! no Teatro Lírico!

O LÍRICO
Depois um grande artista italiano, que passou quase despercebido:
o Novelli.

TODOS
Viva o Novelli!

O LÍRICO
Depois, a célebre Judic!

TODOS
Viva a Judic!

O LÍRICO
E o grande Coquelin!

TODOS

Viva o Coquelin!

O LUCINDA

Infelizmente o Coquelin que veio ao Rio de Janeiro não é o mesmo da *Comédie Française*.

TODOS

Não é o mesmo?

O LUCINDA

Sim, é um Coquelin de exportação, um Coquelin preparado especialmente para o estrangeiro.

CUPIDO

Em todo o caso, é o Coquelin da Casa de Molière. *Chapeau bas!*

O LÍRICO

Por último tive a companhia de ópera-cômica inglesa, que só deu dois espetáculos.

APOLO

Só dois! Por quê?

O LÍRICO

Não sei. Eram ingleses: ficaram talvez com medo do batalhão patriótico. Viram o Micado? Não sabem o que perderam! Vou dar-lhes uma amostra. *(Entra um coro de japoneses. Dançam todos os personagens ao som da música do Micado)*

CORO

Eis alguns tipos do Micado,
Eis alguns tipos do Japão;
É cada qual mais engraçado,
É cada qual mais folgazão!

UM TEATRO

Se o tal Micado se demora,
O que há de ser, meu Deus, de nós!

OUTRO

Mas felizmente vai se embora,
E em campo aqui ficamos nós.

CUPIDO

Música assim tão saltitante
É rara em terras de Albion!
Isto seduz qualquer dançante!
Isto é xpto London?

CORO

Eis alguns tipos do Micado, etc. (*Saída geral*)

CENA VII

Apolo, Cupido, Gilberto.

APOLO

Agora vamos ver a cidade.

GILBERTO

Se me deixassem dar um pulo à casa do meu futuro sogro...

CUPIDO

Já se te disse que não! Tens muito tempo! Anda daí! (*Saem. Mutações*)

QUADRO VI

Na Praça Quinze de Novembro, ao fundo o barracão do Panorama do Rio de Janeiro, visto de muitos lados.

CENA I

Apolo, Cupido, Gilberto, depois o pintor (e o tesoureiro).

GILBERTO (*à parte*)

Que grandes cacetes! Estou tão perto da minha Laura, e não posso vê-la!

APOLO (*olhando para o barracão*)

Que espantinho é este?

CUPIDO

Dir-se-ia uma enorme forma de pudim.

GILBERTO

É o barracão do Panorama do Rio de Janeiro, visto do Morro de Santo Antônio, pintado na Europa por dois artistas ilustres.

O PINTOR (*aprovando*)

Sim, meus senhores, é o meu Panorama, o meu infeliz Panorama!

CUPIDO

Infeliz por quê?

O PINTOR

Pois não sabem que o pobrezinho estava na chuva, e por causa disso ficou estragado?

APOLO

É; não há nada para estragar como a chuva.

O PINTOR

Felizmente o desastre está remediado. Ah! meus senhores, nós vivemos numa época cheia de dissabores para os velhos artistas.

CUPIDO

Deveras?

O PINTOR

Os rapazes reuniram-se no *Derby Club*, pediram a extinção da Academia de Belas-Artes (*tira respeitosamente o chapéu*), e fundaram um ateliê livre noutra barracão, no Largo de São Francisco.

GILBERTO

É uma coisa esquisita. Nesta cidade é sempre em nome da arte que se levantam os barracões.

O PINTOR

Havemos de ver que obras-primas sairão dali!

APOLO

Quando se inaugura a Exposição do Panorama?

O PINTOR

Só em janeiro.

CUPIDO

Nós estamos de passagem... Se o senhor consentisse que déssemos uma vista de olhos...

O PINTOR

Pois não! com todo o prazer! venham comigo.

OS TRÊS

Vamos. (*Vão saindo, e esbarram-se no tesoureiro da Sociedade dos Homens de Letras*)

O TESOUREIRO

Não posso! não posso! Decididamente resigno o meu cargo!

APOLO

Que cargo? (*Ao pintor*) Vá indo; já lá vamos.

O PINTOR

Quando quiserem, batam à porta... Lá os espero. (*Sai*)

CENA II

Apolo, Cupido, Gilberto, o tesoureiro da Sociedade dos Homens de Letras.

O TESOUREIRO

Façam os senhores uma pequena ideia: eu sou o tesoureiro da Sociedade dos Homens de Letras. Os senhores são sócios?

CUPIDO

Não, senhor.

O TESOUREIRO

Admira. É difícil encontrar no Rio de Janeiro alguém que não seja sócio.

GILBERTO (*à parte*)

Não sou, mas hei de ser. (*Aponta para a garrafa*)

O TESOUREIRO

Nós temos uma quantidade infinita de sócios, mas até hoje (e a Sociedade já está fundada há dois meses) apenas oito pagaram a joia. Tenho suado o topete a andar atrás dos remissos! Não há meio! Os literatos não se explicam!

CUPIDO

Mande-lhes os meirinhos.

APOLO

E como são escritores e poetas, muito prazer terão em ser citados.

O TESOUREIRO

Qual! Não têm por onde se lhes pegue. — Adeus, meus senhores, vou até à Praia Grande comprar um vidro de óleo de São Jacó para fazer umas fricções... políticas. Estou aqui, estou eleito. Adeus. (*Sai*)

APOLO

Que linguagem sibilina! Então ele, para sei eleito, precisa de fricções de óleo de São Jacó?

CUPIDO

Vamos ao Panorama!

OS TRÊS

Vamos! (*Vão saindo, mas detém-se vendo entrar a sogra, o noivo e a noiva*)

CENA III

Apolo, Cupido, Gilberto, uma sogra, um noivo, uma noiva.

A SOGRA

Hão de ir à igreja! hão de ir à igreja!

O NOIVO

Não vou! não vou! Estamos casados e bem casados.

A NOIVA

Naturalmente não há necessidade alguma de ir à igreja!

A SOGRA

Pois olhem, seus pelintras, que se vocês não vão à igreja, não os deixo um momento sozinhos! Não serei uma sogra: serei um obstáculo vivo! Nada de *consummatum est!*

CUPIDO (*interpondo-se*)

Então que é isso? que é Isso?

A SOGRA

Não há nada mais incivil que o tal casamento civil! E demo-nos por felizes por não terem decretado o casamento militar, a ponta de baioneta!

APOLO

Que asneira, senhora! Baioneta! A arma seria imprópria.

CUPIDO

Deixem-se disso, não façam questão da forma.

O NOIVO

Apoiado! No casamento só se deve fazer questão do fundo!

A SOGRA

Ah! coisa ruim!

CUPIDO

O casamento civil é tão bom como o religioso, desde que seja purificado pelo amor. Sem amor é que não há união decente. O casamento sem amor é uma prostituição, quer seja feito por um padre, quer por um juiz.

APOLO (*a parte*)

O tratante está a puxar a brasa para a sua sardinha!

O NOIVO

Eu amo minha mulher!

A NOIVA

Eu adoro meu marido!

CUPIDO

Pois então vão para casa, sejam felizes e tenham muitos filhos!

A SOGRA

Não! não consinto que minha filha coabite com um homem que não é seu marido à face da Igreja.

O NOIVO

Ai, que a senhora já me vai amolando! Sou marido de Quinota à face do Doutor Salvador, e é quanto basta!

APOLO

Ele está dentro da legalidade.

A SOGRA

Pode ser, mas está ofendendo a Deus! Se o pai desta menina fosse vivo, não consentia nisto.

CUPIDO

Talvez consentisse... quem sabe?

A SOGRA

Não consentia, não, senhor; o pai dela era cônego.

APOLO

Ah! nesse caso não consentia por espírito de classe.

A SOGRA (*agarrando a filha pela mão*)

Você com minha filha não vai!

O NOIVO

Eu fico doente!

A NOIVA

Me larga, mamãe!

O NOIVO

Esta mulher faz-me ir para a cama!

GILBERTO

É justamente o que ela não quer!

O NOIVO (*segurando a noiva pela outra mão*)

Largue minha mulher, Dona Procópia!

A SOGRA

Largue minha filha, seu Cazuza!

OS TRÊS

Então? Então?

O NOIVO

Ah! não larga? (*Dá-lhe um murro*) Toma!

A SOGRA

Ah! (*Desmaia nos braços de Apolo*)

CUPIDO

Fujam, e vão tratar da vida, que a morte é certa. (*Os noivos fogem*)

APOLO

Ora não me faltava mais nada! Volte a si, Senhora Dona Procópio! (*A Gilberto*) Dá-lhe a beber um pouco dessa água!

GILBERTO

Boas! (*Aperta a garrafa com ciúmes*)

A SOGRA (*voltando a si*)

Não é preciso. Por donde foram eles?

CUPIDO (*indicando a direção contrária*)

Por aqui.

A SOGRA

Hei de empatar-lhe as vasas! (*Vai saindo*)

APOLO

Qual! Agora só o específico do Doutor Costa Sales!

A SOGRA (*voltando*)

Que época desgraçada! Até já se vê *um* genro dar pancada na sogra! (*Sai*)

GILBERTO

O Cazuza foi bruto.

CUPIDO

Isso foi. Não se bate numa mulher nem com uma flor.

APOLO

Numa mulher, sim, mas numa sogra bate-se até com um pau! —
Vamos ao Panorama!

GILBERTO

Que é isto? (*Atravessa a cena um Adivinho com os olhos vendados, levado pela mão de um sujeito*)

CENA IV

Apolo, Cupido, Gilberto, um adivinho, um sujeito, depois: irmãs de caridade, depois um membro do Partido Católico.

OS TRÊS

Ora esta!

O SUJEITO

Psiu... psiu... Não o perturbem!

CUPIDO

Que quer isto dizer?

O SUJEITO

Ele vai adivinhar onde pus o meu charuto...

GILBERTO (*ao ouvido do sujeito*)

E onde o pôs você?

O SUJEITO

Atirei-o ao mar... (*Saem o Adivinho e o sujeito*)

CUPIDO

Vão cair n'água!

GILBERTO

Se ele adivinhasse o número da sorte grande da Bahia, e mo dissesse...

APOLO

Que fazias tu?

GILBERTO

Comprava o bilhete. Por quê?

APOLO

Espera, deixa-me acabar: — Serias muito tolo se não comprasses também as aproximações!

GILBERTO

Vamos ao Panorama.

OS TRÊS

Vamos!

APOLO

Ainda não é desta vez. Olhem!

(Entram algumas irmãs de caridade com malas e outros preparativos de viagem. Uma delas traz um papagaio)

CORO

Amigas, vamos, que outro ofício

Podemos ter,

E não devemos lá no Hospício

Permanecer!

Nós não levamos dor profunda,

Mágoa iracunda

No coração!

Achamos coisa divertida

Esta partida De supetão!
Adeus, ó Rio de Janeiro,
Hospitaleiro
País, adeus!
Adeus! Adeus!

GILBERTO

Então vão se embora?

UMA IRMÃ

Sim, senhor, nós vamos embora, porque não consentimos que ninguém mande mais do que nós! — *Allons!*

AS OUTRAS

Allons! (Vão saindo. Entra um membro do Partido Católico)

O CATÓLICO (*vendo as irmãs*)

Oh! fui procurá-las para dizer-lhes adeus! Estive uma hora ali no cais. (*Abraçando uma por uma*) Adeus, irmã Maria! Adeus, irmã Inês! Adeus, irmã Suzana e do Coração de Jesus! Adeus, irmã Cunegundes do Amor! Adeus, irmã Bertolesa das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo! Adeus! Adeus! Adeus! (*As irmãs saem sucessivamente depois de abraçadas*) Deus as conduza!...

CUPIDO

Maganão... Abraçando as mulheres...

O CATÓLICO

Religiosamente, irmão. Já viram o telegrama?

OS TRÊS

Que telegrama?

O CATÓLICO

O telegrama do Papa. (*Tirando-o da algibeira*) Ele cá está! Digam agora que é mentira.

APOLO

Antes de mais nada, diga-nos: quem é você?

O CATÓLICO

Um membro proeminente do Partido Católico.

CUPIDO

Sim, senhor, o Partido Católico é um bom partido. Como vai essa católica?

O CATÓLICO

Com a graça de Deus, irmão. Mas sabem? Nós formamos o nosso Partido, e o Papa abraçou-o pelo telégrafo.

APOLO

E que temos nós com isso?

O CATÓLICO

Atreveram-se a dizer que não havia tal... que o Papa não abençoara coisa alguma! Cá está o telegrama de Roma, afirmando o contrário... Vejam! é letra de Sua Santidade. Vou expô-lo na Rua do Ouvidor.

CUPIDO

Na Rua do Ouvidor? Oh! Devia ser em algum estabelecimento religioso!

O CATÓLICO

Pois bem, vou expô-lo na *Notre Dame*. Adeus, irmão. A paz do Senhor seja convosco.

OS TRÊS

Amém.

(*O católico sai*)

CUPIDO

O tal partido tem tanto de católico como eu, que já existia antes de Cristo.

APOLO

Por isso, não: podias ter aderido.

GILBERTO

Sim, não creio que essa gente esteja... quero dizer — seja muito católica...

CENA V

Apolo, Cupido, Gilberto, depois operários.

CUPIDO

Bem; creio que desta vez podemos ir ao Panorama.

APOLO

Qual! Decididamente não podemos arredar pé daqui! Aí vem um mundo de gente! *(Entram muitos operários com suas mulheres e seus filhos. Vêm muito alegres. Entrada animada)*

OS OPERÁRIOS

Viva o Ministro da Fazenda! Viva!

CUPIDO

Bravo! que alegria!

PRIMEIRO OPERÁRIO

Hoje é dia de festa!... Vamos tomar parte na grande manifestação das classes operárias, feitas ao Senhor Ministro da Fazenda.

APOLO

Manifestação bem merecida. O Ministro é um brasileiro digno de todos os louvores...

GILBERTO

Levam discurso engatilhado?

SEGUNDO OPERÁRIO

Não, senhor; o discurso é chapa... Levamos uma cantiga...

OS TRÊS

Uma cantiga?

TERCEIRO OPERÁRIO

Sim, senhor, e podemos cantá-la aqui, para dar-lhes uma mostrinha da fazenda.

OS TRÊS

Valeu! Ouçamos.

CORO

Nós vimos em coro,
Contentes saudar
Quem sabe o tesouro
Com jeito levar!
Ministro excelente,
De tanto valor,
Merece da gente
Sincero louvor!

(Os operários saem)

CENA VI

Apolo, Cupido, Gilberto.

APOLO

Estou entusiasmado! Que belo, que opulento, que futuroso país, e como são felizes esses operários, que às vezes se queixam sem outro motivo senão essa nevrose da queixa, que acomete a todas as classes! No Brasil o trabalho e a fortuna estendem os braços a todos os indivíduos!

CUPIDO

Como estás verboso!

APOLO

Palavra que, se eu não fosse Febo, filho de Júpiter e de Latona, irmão de Diana, pai das Musas, deus da Poesia, vencedor da serpente Píton, e se não me desse tão bem no Parnaso, no Piário e no Pindo, e nas margens do Hipocrene e do Permesse, ficava nesta terra, fazia-me brasileiro, mudava de nome, chamava-me, por exemplo, Joaquim José da Silva, e mandava à tábua a minha divindade, o Pégaso, as Musas, os poetas e os deuses!

CUPIDO

Apolo, essa linguagem...

APOLO

É a linguagem da franqueza e da sinceridade. Gosto do Brasil... Adoro o Rio de Janeiro, apesar dos bondes, dos quiosques, dos cortiços e dos cem sonetos do *Diário do Comércio*.

CUPIDO

Lembra-te que tens uma grande responsabilidade...

APOLO

Ora não me aborreças! Estou farto de ser deus!

GILBERTO

Bom, não briguem... vamos ver esse encantado Panorama!

APOLO

Qual Panorama nem meio Panorama! Querem ver o que ali está dentro? Subam ao tal Morro de Santo Antônio! Escusam de ver pintado o que têm diante dos olhos, palpável, movimentado, eterno, perfumoso, belo! O que eu queria, o que esses dois ilustres artistas deviam ter pintado, era o Rio de Janeiro como há de ser no futuro, quando desaparecerem os estafermos dos morros, e as ruas se

alargarem, e novas praças se abrirem, e os casebres desaparecerem para dar lugar a verdadeiros primores de arquitetura! E porque eu, Apolo, o deus das Belas-Artes, não lhes hei de mostrar esse panorama do futuro? Tudo pode a minha fantasia! Tudo obedece à minha onipotência!

CUPIDO

Vais dar-nos um panorama?

APOLO

Vou.

GILBERTO

Mesmo porque é um bom final de ato!

APOLO

Vejam! O Rio de Janeiro daqui a vinte e nove anos. (*Aponta para o fundo. Mutação*)

QUADRO VII

O Rio de Janeiro do futuro.

ATO III

QUADRO VIII

No Largo da Carioca.

CENA I

O Seixas, primeiro argentino, segundo argentino, uma senhora argentina, argentinos, povo.

(Ao levantar o pano, a cena está cheia de povo. Os Argentinos entram como quem vem de viagem. Entre eles, algumas senhoras, uma das quais traz alguns quadros debaixo do braço)

BOLERO DOS ARGENTINOS

CORO

*Viva la bella Guanabara,
Cándida ninfa del Brasil,
Patria feliz, hermosa y rara,
Fúlgida perla tan gentil.
Amo el calor de tus montanas,
Amo tu cielo abrasador!
Tierra de luz, de luz me bañas
Y me haces palpitar de amor.
Que cosa rara
Es Guanabara
Trá lá lá lá!*

A SENHORA ARGENTINA

*Viva la bella Guanabara! etc.
Ai que montanas
Ai que calor!
De luz me banas,
Tierra de amor!
— Trá lá lá lá!
Viva la bella Guanabara) etc.*

SEIXAS

Ora vivam, monsiús. Então que lhe parece a cidade?

PRIMEIRO ARGENTINO

Muy mona, muy mona.

SEIXAS

Mona!

UM SUJEITO

Mona em espanhol quer dizer bonita.

SEIXAS

Pois *mona* aqui é mulher de macaco ou bebedeira.

SEGUNDO ARGENTINO

Buenos Aires es también muy monita, pero después de la revolución no se puede vivir allá. No hay plata.

PRIMEIRO ARGENTINO

Principalmente en La Plata.

A SENHORA

Yo trago unos cuadros a ver se los puedo vender.

SEIXAS

Talvez venda, talvez...

A SENHORA

Me dicen que en Rio de Janeiro el gusto por las bellas-artes se va desarrollando... que son mui concurridas las exposiciones de pintura.

SEIXAS

Não, madama; gosto não há muito... mas, enfim, como dizem que agora o que não falta é dinheiro...

PRIMEIRO ARGENTINO

En Buenos Aires también no faltaba el dinero... pero un dia se cayó la casa!

A SENHORA

Y si no fuera haber faltado la pólvora, como faltá la plata, no sé que seria de nosotros. Adiós, caballero!

Os ARGENTINOS

Vamos?

SEIXAS

Adeus, Senhores Argentinos... Argentinos... sempre às ordens. Eu chamo-me Seixas... o célebre cobrador.

Os ARGENTINOS

Gracias... Adiós...

(Saem repetindo um motivo do bolero)

CENA II

Povo, o Seixas, um monarquista, depois um jogador.

SEIXAS *(indo ao encontro de um monarquista, que atravessa a cena com um embrulho debaixo do braço)*

Ó seu Faria, que leva você aí?

MONARQUISTA

Uma relíquia. Vim do leilão do paço de São Cristóvão.

SEIXAS

Ah!

O MONARQUISTA

Queria comprar um objeto de uso particular do meu amado ex-monarca... mas um objeto que não fosse muito caro. O que pude arranjar, e assim mesmo por duzentos mil réis, foi isto... Tem se vendido tudo por um dinheirão.

SEIXAS

E isto que é? *(Apalpando)* Ah! Já sei, já sei! É um objeto de uso muito íntimo.

O MONARQUISTA

Imaginem o valor histórico que isto há de ter mais tarde! *(Beijando o embrulho)* Meu pobre ex-monarca! Adeus, seu Seixas!

SEIXAS

Cuidado com a terrina. (*O monarquista sai, entra o jogador*) Oh! diabo!
que cara traz você!

O JOGADOR

Deixe-me! Fui apanhado pela polícia numa roleta!

SEIXAS

Estão agora a perseguir outra vez o jogo?

O JOGADOR

O jogo, não: as casas de jogo. As loterias continuam, na Rua da Alfândega joga-se desesperadamente, e já este ano se inauguraram mais dois prados de corrida! E não imagina você com que caiporismo eu estava hoje. Eu só jogo no 23, no 26 e no 29. Pois nem uma vez saiu nenhum desses números! Desapareceram!

LUNDU

Ai! todos três foram-se embora de uma vez!
O Vinte e Seis, o Vinte e Nove e o Vinte e Três!
Dizei-me, olá, se há por aí quem desencove
O Vinte e Três, o Vinte e Seis e o Vinte e Nove.

SEIXAS

O vinte e Seis foi suprimido,
O Vinte e Três foi revogado,
E o Vinte e Nove foi corrido
Porque era muito desbocado.

JUNTOS

Ai! todos três foram-se embora de uma vez! etc.

O JOGADOR

Adeus.

SEIXAS

Vamos juntos. Aonde vai você?

O JOGADOR

A Intendência Municipal pagar mil e quinhentos réis por um sermão que não encomendei.

SEIXAS

Como assim?

O JOGADOR

Uma chapa de numeração que me pregaram à porta.

SEIXAS

Amigo, pague e não bufe. A Intendência, quando cobra, é pior que eu.

(Saem)

CENA III

Cupido, Apolo, Gilberto, depois o homem dos óculos.

APOLO

Ora que ideia! pôr a estátua de Colombo no cume do Pão de Açúcar! Esta não lembrava ao diabo!

CUPIDO

O autor da ideia devia ir para o Bico do Papagaio.

GILBERTO *(consigo)*

E eu nada de ir ter com a minha Laura! Que deuses impertinentes!

APOLO

Oh! a manifestação é uma velha mania dos brasileiros.

GILBERTO

Parece que, depois de proclamado o regime da liberdade e da independência, as manifestações deveriam cessar ou, pelo menos, diminuir de intensidade. Deu-se exatamente o contrário; nunca o Farani e o Luís de Resende cravejaram de brilhantes tantas condecorações de ouro, nunca no Globo foram encomendados tantos banquetes, nem ao *Petit* tantos retratos a óleo!

(Nisto, os três personagens, ouvindo ao fundo prolongados psius, voltam-se muito intrigados. É o homem dos óculos que vende uma seringinha que, apertada entre os dedos, dá esse som)

APOLO, CUPIDO e GILBERTO *(dando pelo engano)*

Ah!

O HOMEM DOS ÓCULOS

Compre! Compre um pra eu! *(Aproximando-se dos três)* Meus senhores, vejam isto!

COPLAS

I

Uma bela novidade
Tenho aqui para vender!
É provável que isto agrade,
Porque tem graça a valer!
Meus ilustríssimos senhores,
Façam favor de examinar...
Reparem bem pra estes primores
E queiram todos três comprar,
Tão curiosa descoberta
Descanso dar à língua vem...
Isto com os dedos aperta
Quem quiser chamar alguém!
Vejam lá!
Psiu!
Meu bem, vem cá!
Meu bem, vem cá!

Teu amor cá está
Quando eu te vejo, faço assim:
Psiu!
Não fujas de mim! Meu bem, vem cá! etc.

II

OS TRÊS

Este pândego assobio
Se é verdade o que se diz,
Invenção foi de um vadio,
Que os há muitos em Paris,
Como no Rio de Janeiro
Também os há e em profusão,
Eu vou ganhar muito dinheiro,
Eu vou ganhar um dinheirão!
Tão curiosa descoberta, etc.

APOLO

Bem... vá vender mais longe a sua gaita.

(O homem dos óculos afasta-se apregoando sempre, e desaparece)

CUPIDO

Que misteriosas mulheres aí vêm!

CENA IV

Apolo, Cupido, Gilberto, primeira mulher, segunda mulher, mulheres.

(Entra um grupo de mulheres embuçadas de modo que ninguém as possa reconhecer)

CORO DE MULHERES

Que lei tirânica!
Que coisa exótica,
Vândala, bárbara
E despótica!

Não há mais para onde ir!
Um lugar não achamos
Onde possamos
Nos distrair!

UMA DAS MULHERES

E agora, minhas amigas, que havemos nós de fazer?

CORO

Ai! meu Deus!
Não pode haver maior maldade!
Oh! que calamidade!
Oh! que homens tão judeus!

A MULHER

É tratar de arranjar outra coisa...

CORO

Que lei tirânica! etc.

GILBERTO

Quem são vossas excelências?

PRIMEIRA MULHER

Somos senhoras da melhor sociedade, casadas, mães de família...
não queremos que nos reconheçam.

APOLO

E por que se lamentam desse modo?

CUPIDO

Naturalmente por causa da carestia da carne.

SEGUNDA MULHER

Não senhor; lamentamo-nos porque havia aí umas casas onde
costumávamos a passar algumas horas divertidas, e a polícia

acabou com elas. Perdemos o único refúgio que tínhamos contra a sensoria do lar doméstico.

GILBERTO

Mas que faziam as senhoras nessas casas?

CUPIDO

Ora que pergunta!

PRIMEIRA MULHER

Nada de mais...

APOLO

Jogavam a bisca...

SEGUNDA MULHER

Cantávamos duetos...

PRIMEIRA MULHER

Brincávamos.

CUPIDO

E privam-nas desses eldorados! Que gente má!

SEGUNDA MULHER

E acabaram também com as cartomantes! Só nos falta agora que acabem com as modistas!

(Saem repetindo um motivo do coro)

GILBERTO

Pobres senhoras! Também já não existe o Cassino. Tiram-lhes tudo!

CENA V

Apolo, Cupido, Gilberto, um carroceiro, depois a imprensa fluminense.

(O carroceiro entra e fala para dentro. Tem a cabeça amarrada com um pano manchado de sangue)

O CARROCEIRO

Nã senhor, nã trabalho (apontando para a cabeça) à vista deste argumento. (Descendo) Arre! desta vez é que se vai ver o que é uma greve!

GILBERTO

Quê! há greve?

O CARROCEIRO

Sim, senhor, uma greve de cocheiros e carroceiros... e como eu sou carroceiro para servir a vossa senhoria, já deixei a carroça e *mal* o burro.

APOLO

Mas qual é o motivo desta greve?

O CARROCEIRO

O motivo não mo disseram, e como eu o perguntasse, arrumaram-me com uma pedra que me abriu esta brecha no casco... Motivo creio que *nã* há... só sei que há greve e que não devo trabalhar.

CUPIDO

Que diabo! Se não há razão para a greve, os animais serão os únicos a lucrar com ela.

O CARROCEIRO

Eu cá não sei disso... Os meus colegas fizeram parede, e *nanja* eu que a fure! (Sai)

APOLO

Ora aí está um sujeito que não fura paredes.

GILBERTO

Uma greve de veículos! Que bom! Enquanto isso durar, o Rio de Janeiro será uma cidade ideal! Aí vem a Imprensa Fluminense!

A IMPRENSA (*entrando*)
Estou desesperada!

APOLO
Por quê, minha senhora?

A IMPRENSA
Por causa do ataque à *Tribuna*... A solidariedade!...

CUPIDO
Pois sim, mas não se incomode; a senhora este ano tem tido uma felicidade brutal!

A IMPRENSA
Sim, graças ao anúncio... mas a solidariedade!...

CUPIDO
E há outros motivos para estar contente... A senhora tem grande cotação na praça... foi vendido o *Jornal*... foi vendido o *País*... e o *Novidades*... e o *Correio do Povo*... e vai ser vendida a *Gazeta*...

APOLO
Tudo se tem vendido este ano... o Palácio de Nova Friburgo, o Teatro São Pedro, o Variedades, a fábrica de flores da Rua do Passeio...

A IMPRENSA
Sim, estou satisfeita... mas vou também fazer greve, porque a solidariedade!... Oh! a solidariedade!...

OS TRÊS
Sim, a solidariedade!...

(Passa pelo fundo um grupo de homens disputando-se um enorme par de sapatos)

OS TRÊS

Que é aquilo?

A IMPRENSA

Aqueles sujeitos brigam por causa de uns sapatos de defunto. Foi o que deixou o Ferreira boticário. Vou apreciá-los. *(Sai)*

CENA VI

Cupido, Apolo, Gilberto, os novos.

CORO DOS NOVOS

I

Eis os tais chamados *novos*
Estupenda legião,
Que é o assombro destes povos,
Que é o orgulho da Nação!
Acabou-se a noite escura
Que ensombrava este País!
Vamos ter literatura
Muito mais que em Paris.
Abaixo a velhada
Que está rococó
Viva a meninada
E viva ela só!

II

Atiremos para um canto
Nossos trêmulos avos...
Nenhum deles teve tanto
Talentinho como nós!
Vai o mundo ver em guerra,
Os filhotes contra os pais!
Quem dá regras nesta terra

Somos nós, e ninguém mais!
Abaixo a velhada, etc.

APOLO

Então os meninos são os *novos*?

PRIMEIRO NOVO

Sim, senhor. Na literatura brasileira só nós valem alguma coisa.
Tudo o mais é imprestável!

SEGUNDO NOVO

Os velhos são inúteis!

APOLO

Oh! que bonitinho! (*Pega o segundo novo ao colo*)

TERCEIRO NOVO

Dos vinte e cinco anos para cima os literatos brasileiros não prestam
para mais nada!

PRIMEIRO NOVO

Da geração passada não há um literato que se salve.

CUPIDO

E Gonçalves Dias?

PRIMEIRO NOVO

É um fóssil!

GILBERTO

Otaviano?

TERCEIRO NOVO

Um tolo.

APOLO

Alencar!

SEGUNDO NOVO (*sempre ao colo de Apolo*)

Uma besta!

PRIMEIRO NOVO

Só nós, os novos, fazemos alguma coisa com jeito... Vamos deitando abaixo tudo quanto é velho!

APOLO

Bonito! (*Deita vivamente o menino no chão*)

TODOS

Que foi?

APOLO

Uma arte deste novo! Bem diz o ditado: Quem se mete com crianças... Ora esta!

PRIMEIRO NOVO

Aí vem o batalhão patriótico!

CENA VII

Os mesmos, o Comendador, primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto soldados, soldados.

(O batalhão entra marchando com o Comendador na frente, a servir de baliza)

CORO DOS SOLDADOS

Rataplã! Rataplã! Rataplã!

Plá!

O batalhão patriótico

Ei-lo, cá está! cá está!

Que lá nas terras de África

A manta pintará!

A valorosa espada

Que ao nosso lado cai,
Batendo na calçada
Sonoramente vai
Assim:
Tlin! Tlin!

O COMENDADOR
Eu tenho uma comenda,
Mas longe estou de ser um homem rico,
Porém me sacrifico
Por este batalhão!
Acompanhá-lo agora
Eu vou até Lisboa,
E há de a Inglaterra, a proa
Logo abaixar, verão!

PRIMEIRO SOLDADO
Pra minha terra
Quero ir me embora...
Não tenho agora
Nem um tostão...
Ai! se não fosse
Pr' economia,
Eu não iria
Co batalhão!

CORO
Ah! Ah! Ah! Ah!
Viaja de graça!
Que espertalhão!

SEGUNDO SOLDADO
Eu fui caixeiro.

TERCEIRO SOLDADO
Fui carroceiro.

QUARTO SOLDADO

Fui chacareiro.

QUINTO SOLDADO

Pois eu cá fui vagabundo

Desprezou-me todo o mundo...

E é por Isto

Que me alisto...

CORO

Nosso belo batalhão

Vai fazer um figurão,

Pois nós afirmamos

Que, dentro em dois meses,

Matamos

Duzentas,

Trezentas,

Quinhentas,

Seiscentas,

Centenes

Apenas

De Ingleses!

Plã! Rataplã! Plã!

Plã!

(Saem todos)

CENA VIII

Cupido, Gilberto, Apolo.

APOLO

Bem! É tempo de voltar para o Parnaso.

CUPIDO *(a Gilberto)*

É sim! Vais ver a tua namorada.

APOLO

Quando chegares ao corredor da casa em que ela mora, bebe um gole valente dessa garrafa. Adeus! Sê feliz! (*Abraça-o*)

CUPIDO

Adeus! (*Abraça-o*)

GILBERTO

Não sei como agradecer tantos obséquios...

APOLO

Não agradeças. Adeus. (*A Cupido*) Vamos tomar o carro!

CUPIDO

Vamos!

GILBERTO

Adeus!

(*Apolo e Cupido saem*)

GILBERTO (*só*)

Só! Ainda me parece um sonho! Corramos à casa de minha querida Laura! (*Sai. Mutação*)

QUADRO XIX

A mesma cena do primeiro quadro.

CENA I

Melo, Albino, depois Laura.

(*Melo entra, trazendo na mão uma lista do recenseamento. Albino acompanha-o*)

MELO

Ela só pelo diabo! Não entendo esta maldita lista do recenseamento! Nunca vi coisa tão complicada! (*Senta-se*) Vem cá! (*Albino aproxima-se*) Ajuda-me a encher isto. É em prosa, mas é muito difícil! (*Lendo*) "Nome... Já está. "Estado..." "Município..." Já está. "Idade..." Já está. "Sexo..." Ora, dize-me cá: uma vez que eu já declarei que me chamo Bernardo Vítor de Melo, que necessidade tenho de dizer que sou do sexo masculino?

ALBINO

Sempre é bom, senhor meu amo...

Fica claro como o dia...

Eu conheci um sujeito

Que se chamava Maria.

MELO

Pois sim, mas o que ninguém conheceu foi uma sujeita que se chamasse Bernardo Vítor de Melo. Enfim... (*Escrevendo*) "Masculino"... (*Continuando a ler*) "Cor"... Branca. "Defeitos físicos"... "Cego"... Não sou. "Surdo-mudo"... Deus me livre! "Surdo"... Credo! "Idiota"... (*Encara Albino*) Por que é que olhas para mim? Então eu sou idiota?

ALBINO

Nessa casa, meu bom amo,

Cabem dizeres diversos...

Não diga "sou idiota",

Mas escreva "faço versos".

MELO

Ora vai para o diabo! Fazer versos não é defeito físico! (*Continuando a leitura*) "Filiação..." Legítima... Duvido que nestas listas apareça um filho natural. "Estado civil"... Viúvo. Tudo o mais já está. (*Passando uma página*) Esta página é para os casados. (*Indo à página seguinte*) Tenho agora que repetir a mesma cantiga. Isto me põe doido! "Nome"... "Nacionalidade"... "Relação com o chefe da casa"... O chefe da casa sou eu. "Sabe ler e escrever"... "Culto..." Tudo isto já está "Profissão" Achas que eu escrevo "poeta"? Ah!

Não! (*Escrevendo*) "Proprietário"... "Poeta" fica para esta outra casa: "Título científico, literário ou artístico"... "Renda"... Olha, sabes que mais? Vai encher isto. Eu perco a cabeça! (*Dá a lista a Albino. Laura entra muito triste*) Então, ó pequena, ainda estás triste? Ainda não te desenganaste? Duvido que o tal Gilberto apareça, assim como sempre duvidei que desaparecesse, estando as portas tão bem fechadas como estavam!

LAURA

Papai está enganado; se houvesse fechado as portas, ele não sairia...

MELO

Pode ser: eu estava naquele dia com a musa, e quando estou com a musa, não respondo por mim. A propósito: ouve esta quadra que fiz ontem à noite. (*Tirando um papel da algibeira*) É o princípio de uma ode. (*Lê*)

"Honra à poesia, a deusa augusta e altiva,
Honra à poesia, a deusa divinal!
O povo elegeu muitos poetas,
Mandou-os ao Congresso Nacional."

LAURA (*friamente*)

Muito bem.

MELO

Estes foram feitos sem o adjutório do Albino.

ALBINO (*à parte*)

Vê-se.

MELO

Menina, isto de fazer versos fica muito fino. O dom da poesia não é coisa que se arranje do pé para a mão. Enfim, se o rapaz prometeu voltar, lá tinha as suas razões.

LAURA

Ah! papai! se soubesse como sofro! (*Albino tem um estalar de língua*)

MELO (*a Albino*)

Ainda aí estás?

ALBINO

Eu acho bem razoável
De sua filha a quizília.
Não é preciso ser poeta
Para ser pai de família.

MELO

Também tu?

ALBINO

Sonetos, décimas, quadras
Concorde, ó flor dos patrões!
Nunca deram para aquilo
Com que se compram melões.

MELO

Pois tu de que vives, animal? Com que profissão vais figurar nessa lista de recenseamento?

ALBINO

Vivo de versos, é certo...
Que descoberta!... ora bolas...
Mas, se não fosse o patrão,
Eu estava a pedir esmolas!

MELO

Péssima quadra, Senhor Albino. Esse "ora bolas" e uma muleta.
Uma muleta e uma insolência!

LAURA

É escusado, Albino! por mais muletas que ponhas nos teus versos,
papai não nos atende! Ninguém o demove! Quer um genro poeta! (*Chora*)

ALBINO (*a Melo*)
Daquele pranto sincero
Piedade o patrão não tem!
A menina chora tanto,
Que me faz chorar também!

MELO (*sempre sentado, impassível, a reler os versos*)
Honra à poesia, a deusa augusta e altiva, etc.

LAURA (*chamando Albino com um gesto*)
Vê se te lembras de um estratagema qualquer...

ALBINO
Não há menina, decerto,
Estratagema nenhum...

LAURA
Podes falar em prosa.

ALBINO
Que quer? O costume...

LAURA
Mas dizias?

ALBINO
Estratagema não vejo,
Estratagema não há...

LAURA
Fala em prosa, Albino!

ALBINO
Desculpe... Aqui não há estratagemas possíveis: seu papai quando embirra, é o mesmo que um sendeiro velho.

LAURA

Isso agora é prosa demais. Mas experimenta. Tens tanta influência sobre ele...

ALBINO

Distingamos. Tenho muita influência sobre o poeta, mas não sobre o pai. Ah! quem me dera a mim que seu marido não fosse poeta!

LAURA

E a mim também! Um marido maluco!

ALBINO

Em havendo poeta na família, seu pai dispensa os meus serviços.

LAURA

Qual! Tu fazes-lhe muita falta.

ALBINO

Ninguém faz falta neste mundo. A menina não viu o que fez o imperador da Alemanha?

LAURA

Que foi?

ALBINO

Dispensou os serviços de Bismarck. Ora, se Bismarck foi dispensado, que direi eu?

LAURA

Meu pobre Gilberto! (*Vai sentar-se*)

MELO (*que tem estado a reler os seus versos*)

Vem cá, Albino. (*Albino aproxima-se*)

Senta-te, e dize-me cá, em vez de:

Honra à poesia, a deusa augusta e altiva,

Não seria melhor:

Honra à poesia, a deusa altiva e augusta?

(Albino franze a testa, toma o papel e vai responder, quando todos os instrumentos da orquestra soltam um nota uníssona e estridente. Ao mesmo tempo, Gilberto entra com impetuosidade. Melo e Albino assustam-se e caem por terra, Laura levanta-se contentíssima)

CENA II

Melo, Albino, Laura e Gilberto.

MELO e ALBINO

Ai!...

LAURA

Ele!

GILBERTO *(com muito fogo)*

Qual saudoso passarinho

Que o abandonado ninho

Vai procurar com carinho,

Cidadão Melo, aqui estou!

Um genro poeta queria?

Pois bem, senhor, hoje em dia

Já tenho o dom da poesia

Com que Apolo me dotou!

(Melo e Albino erguem-se boquiabertos)

Eu trago um estro luzente!

Eu trago um estro potente!

Eu trago um estro esplendente!

Eu trago um estro titão!

ALBINO *(a Melo)*

Traz quatro estros na mente...

E uma garrafa na mão!

MELO *(muito interessado)*

Espera, homem!

GILBERTO

Quando os meus versos vomito,
Quando despeço o meu grito,
Abalo todo o infinito,
Comovo toda a amplidão!

ALBINO (*a Melo*)

Ele é poeta, tenho dito;
E é gongórico, patrão!

MELO (*repreensivo*)

Oh!

GILBERTO (*sempre com muito fogo*)

Cupido levou-me ao colo
Aos pés do divino Apolo,
E eu pedi-lhe a inspiração!
Por um mágico processo
Fiquei poeta! Outra vez peço
Esta alva e mimosa mão.
(*Corre para Laura, beija-lhe a mão e fala-lhe baixo*)

ALBINO (*a Melo*)

Senhor meu amo, uma ideia
De repente me ocorreu...

MELO

Dize qual foi... em prosa.

ALBINO

Em prosa, senhor meu amo!
A prosa é terrena e vil.

MELO

Em prosa, sim! Pois hei de estar sempre a ouvir versos! Tomei agora
uma barrigada, que me empanturrou!

ALBINO (*a parte*)

Hum... Cá está o Bismarck, e (*Apontando para Gilberto*) ali está o Caprivi... (*Alto*) É que pode bem ser que aquilo viesse estudadinho de casa.

MELO

Sim senhor! bem lembrado!... Foi pena ser em prosa!

(*A Gilberto*)

— Psiu, ó amiguinho, mais devagar...

Faça favor de fazer um improviso já.

GILBERTO (*com muita volubilidade*)

Oh! pois não! é só pedir!

Rimo com facilidade,

Metrifico sem vontade,

Versejo sem sentir!

LAURA

Mas não te podes exprimir senão em verso?

GILBERTO

Não posso. Nem me recorda

Como é que em prosa falei!

Meu doce amor, tenho corda,

Por quanto tempo não sei!

MELO (*a Albino, com muita convicção*)

Parece-me que o rapaz é poeta, e poeta às direitas! Façamos uma experiência definitiva e suprema. Ó seu Gilberto, faça favor de glosar um mote... (*Pensando*) Que há de ser? Dá-lhe um mote, Albino! Quero ver como se sai!

ALBINO

Esse mesmo:

Quero ver como se sai.

GILBERTO (*repetindo*)
Quero ver como se sai.
(*Depois de pequena pausa*)
Amor é uma cidadela
Onde eu entrei facilmente,
E fiquei, preso e contente,
Nos braços de Laura bela;
Mas como, se me quer ela,
Não me deseja seu pai,
Em fugir do que me atrai
Meu desejo se concentra;
Eu já sei como se entra,
— Quero ver como se sai.

MELO

Lança-te nos meus braços, meu genro! (*Entusiasmadíssimo*) Bocage!
Bocage puro!... Vou ter em casa um novo Elmano!... Minha filha, dá-me a tua mão. (*Pega, por engano, na de Albino*) Então! temos brincadeira, seu poetastro? (*Toma a mão de Laura*) Gilberto, dá-me a tua mão! (*Pega outra vez, por engano, na mão de Albino, que tem passado para o lado oposto*) Adeus, viola!... (*Toma a mão de Gilberto e une-o à filha*) Casem-se e sejam muito felizes! Tenho pena de não lhes poder dizer isso em bonitos versos...

ALBINO (*insinuando*)
Se o patrão quiser...

MELO (*vivamente*)

Não. (*Continuando*) Tenho pena de não poder empregar aqui essa linguagem maviosa com os sons de longínqua flauta que suspira uma endeixa repassada de melancolia e de amor, branda como o sopro da brisa que às ave-marias cicia por entre os arbustos orvalhados pelo crepúsculo. — Vai em prosa, meus filhos, vai em prosa... poética! (*Gilberto e Laura ajoelham-se*) *Tableau!*

ALBINO (*ao público*)

A vista disto e dos autos, Bismarck vai tratar de arrumar a trouxa! (*Sai. Gilberto e Laura erguem-se*)

CENA III

Melo, Laura, Gilberto, depois Albino.

GILBERTO

Adivinhe se é capaz
O que esta garrafa traz?

LAURA e MELO (*tomando a garrafa*)

É o quê? Sabes lá o que é! (*Cheira*) Parece água pura! (*Depois de cheirar*) É; cheira a água.

LAURA (*tomando a garrafa*)

Deixe ver.

GILBERTO (*tomando a garrafa da mão de Laura, a Melo*)

Muito bem. Um gole beba,
E o dom das Musas receba!

MELO

Olhe, não vá fazer mal!

GILBERTO

Beba um gole bem taludo,
E me dirá se o iludo!

MELO (*toma a garrafa, hesita, bebe afinal, e fica como Gilberto no Parnaso*)

Em meu cérebro se opera
Singular transformação!
O meu miolo é cratera
E a minha bola, vulcão!

LAURA

Meu Deus! papai ficou maluco!
(*Gilberto tranquiliza-a com um gesto*)
— Será isto uma quimera?
Será isto uma ilusão?
Faço versos de improviso!
Do Albino já não preciso!
Este líquido me afoga!
Tenho cá dentro uma brasa! (*Noutro tom*)
Onde se vende essa droga?
Eu quero ter dela em casa!
Minha filha bebe um gole... (*Laura hesita*)
Vai! Não tenhas medo.
Engole! (*Laura bebe*)

LAURA (*com os mesmos sintomas do pai*)
Ai meu Deus! que coisa estranha!
Sonora fonte desliza
E tenros arbustos banha
Ao som do sopro da brisa
Hei de repetir a dose,
Que a droga é mais papa-fina
Do que a célebre cocoquina
Que cura a tuberculose!
Filhos, por este sistema,
Poderão dar-me vocês
De vez em quando um poema...

GILBERTO (*atalhando*)
E um poeta de quando em vez.
Esta garrafa guardada
Com mil cuidados vai ser:
Toda a nossa filharada
Versinhos há de fazer.

LAURA (*a Albino, que entra com uma trouxa debaixo do braço*)
Não sabes? Eu sou poetisa...
Sei a linguagem da brisa,

Conheço o idioma da flor...
Meu Gilberto, de hoje em diante,
Serei muito mais amante,
Amar-te-ei com mais fervor.

ALBINO
Que é isso, Mãe Santíssima!

MELO (*a Albino*)
Sou poeta! Foi benefício
De uma droga que bebi,
Vai procurar outro ofício,
Já não preciso de ti.

ALBINO (*à parte*)
Nem eu ficava nesta casa de orates. (*A Melo*)
Adeus! Bem vê: já tenho as malas prontas.

MELO
Queres dizer: a trouxa.

ALBINO
Sim, senhor.
Mais tarde voltarei pra ajustar contas,
Pois deve ter um saldo a meu favor. (*Sai*)

GILBERTO (*tomando Laura pela mão e conduzindo-a ao proscênio*)
Agora o *couplet* final,
Pois com uma apoteose
Esta peça se descose
E termina muito mal.

(*A orquestra executa a introdução da copla, e Laura começa a cantar, mas é interrompida por vozes que se levantam de todos os ângulos da sala, protestando*)

ESPECTADORES

Fora o *couplet*: venha a apoteose!

MELO

A apoteose o povo exige!

A apoteose é de rigor!

LAURA

Tem razão: *noblesse oblige*...

(*Apontando para o fundo*)

Aquele é o reino do Amor!

(*Mutação. Apoteose*)

QUADRO X

Cai o pano.



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com